

**ANDRÉ FELIPE BANDEIRA DE QUEIROZ**

**V DE VINGANÇA:**

**O medo, a mídia e o terror  
contemporâneos**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**AGOSTO DE 2008**

ANDRÉ FELIPE BANDEIRA DE QUEIROZ

V DE VINGANÇA

O medo, a mídia e o terror  
contemporâneo

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia como pré-requisito de conclusão do curso de bacharel em História da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do Professor Dr. Alarcon Agra do Ó.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CAMPINA GRANDE - PB

AGOSTO DE 2008

ANDRÉ FELIPE BANDEIRA DE QUEIROZ

V DE VINGANÇA:  
O medo, a mídia e o terror  
contemporâneos

Banca Examinadora:

---

Professor Dr. Alarcon Agra do Ó

---

Professora Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima

---

Professora Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CAMPINA GRANDE - PB

AGOSTO DE 2008



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

Dedico este trabalho a Maria da Saete  
Bandeira.  
Sem ela eu não estaria vivo.

## Resumo

Este trabalho visa avaliar a presença do medo e sua relação com a mídia e o terrorismo, entre outros aspectos que atingem diretamente a sociedade contemporânea, através da análise do filme *V de Vingança*. A minha percepção deste filme levará à discussão, aqui, dos problemas engendrados nos tempos recentes pelos efeitos de fenômenos como a globalização, o terror, o consumismo, a mídia e o medo. Aqui, trabalharei com o conceito de medo, tentando desvendar algumas potenciais influências deste sentimento no cotidiano. Também tentarei interpretar as implicações das ações políticas dos governantes, principalmente com relação a sua busca por justificação a interesses de poder e econômicos, bem como a associação dessas práticas aos governos dos EUA e Grã-Bretanha, relativos à produção do conceito de “guerra contra o terror” e à invasão de países, como o Iraque. Há também a discussão sobre o uso da mídia como um produtor de memórias de acordo com os interesses desta e dos governos aos quais estão sujeitas. Além disso, posso acrescentar a problematização do conceito de terrorismo, a questão da perseguição a minorias, o comércio de armas, o esfacelamento do Estado “social” e a aumento da violência, da miséria e das desigualdades social em diversos níveis, entre outros.

**Palavras-chaves:** medo, terror, mídia.

## Agradecimentos

Sempre temos motivos para agradecer. Entretanto, sempre existem aquelas pessoas mais presentes, a quem agradecemos não tanto pela monografia, mas pela existência. Dentre essas pessoas, na minha vida, existem algumas que merecem um agradecimento especial, neste contexto. Algumas que me possibilitaram manter a “sanidade” enquanto terminava o curso, outras que me deram forte apoio nos momentos de dúvida e, claro, outras que me ajudaram diretamente na feitura deste trabalho. Tentarei colocar aqui, sem me alongar, as pessoas que mais contribuíram para tal.

Creio que seja mais justo agradecer, em primeiro lugar, à minha mãe, Maria da Salete Bandeira, e a meus sobrinhos, Breno e Henrique, que, no convívio diário constante, tiveram que agüentar de perto meu mau humor, muitas vezes provocado pelo estresses dos estudos. Minha mãe, principalmente, que é responsável pela maior parte do que eu tenho e do que eu sou hoje. Como filho, só tenho a agradecer pela forma como fui criado e amado por esta mulher, da qual me orgulho muito.

Também agradeço a meu pai, que nunca me negou apoio quando eu precisei, e sempre se esforçou para tentar dar a seus filhos as melhores oportunidades. Agradeço aos meus irmãos, Adma e Bruno, pela presença, e a todos os meus parentes que se esforcem de alguma forma para tornar o ambiente familiar mais agradável.

Agradeço a toda turma 2004.1, do curso de História: os melhores colegas que alguém pode desejar, muitos dos quais se tornaram grandes amigos. Esta turma destruiu o mito criado sobre uma possível rivalidade entre colegas universitários: eu, particularmente, não conheci esta rivalidade. A amizade que construí com quase todos é inesquecível: Evangley, Daniel e Williams, meu eterno grupo de trabalhos e seminários, grandes amigos durante todo o curso; Cristina, a pessoa que mais pega no meu pé, e uma das poucas às quais eu dou permissão para isso (só pra começar); Fernanda, companheira de muitas risadas; Nayra, com nossas inumeráveis conversas em folha de caderno; Raquel, que me apresentou *Medo Líquido* e me colocou no caminho da perdição (só não entendo como pode gostar de Bauman); Iane, a pessoa mais doce do mundo, por mais que haja controvérsias; o grande Romerino, que só quem o conhece sabe o quão grandioso ele é; Igrid e Isabelle, pessoas pelas quais tenho grande carinho; Deus (imar), grande companheiro de conversas e discussões teóricas. Além de todos os

outros, de quem certamente vou me lembrar: Anne, Maria Tereza, Mayra, que também compartilharam alguns momentos comigo, e mesmo os “desertores”, como Lívio, Jaciara e Tatiane, entre outros.

E, claro, o intruso Thomas: um cara chato que pagou a maioria das cadeiras conosco, mas que acabou virando um dos meus melhores amigos. Da turma dele ainda tem Abel, um “caba fei que só a gota” (que tinha que ser de Surubim) que hoje considero um grande amigo, companheiro de artes marciais e de longas e boas conversas. E Iapuã, que insiste em ser meu amigo desde que eu tinha uns cinco anos de idade (ou menos)... ô cara chato!

E, falando em amigos, tenho que citar, claro, Hilmária. Ela já tava no curso desde que eu fazia a quinta série, mas provou sua amizade me esperando estes anos todos, só pra terminar o curso no mesmo semestre que eu. Pois é, nossa amizade é nessas proporções. Agradeço a ela por ter sido minha amiga (e ainda ser, claro), conselheira, monitora, chateadora, esculhambadora, e... companheira de muitos momentos, bons e difíceis.

Agradeço a Dona Lourdes, pessoa a quem admiro por muitos motivos, mas, principalmente, pela filha que ela tem: uma tal de Samelly Xavier. A essa aí, eu agradeço não só por ela ter sido meu despertador (literalmente), por ter se dado ao trabalho de corrigir (quase metade da) minha monografia ou por ter comprado barra de cereais pra mim. Na verdade, eu teria de fazer outra monografia só para citar tudo por quanto eu sou grato a esta pessoa. Mas, resumindo: agradeço por ela ter me ajudado a despertar (dessa vez não literalmente) para a vida.

E Criiistina Conserva que... vixe... outra monografia! Resumindo: amizade incontestável, conversas ótimas, brigas muito boas, xingamentos maravilhosos, confissões incríveis, corridas exaustivas, alegria contagiante, e Tai Chi... pra equilibrar as coisas. Agradeço por tudo!

Agradeço a Guaíra, que muito me encheu o saco pra eu fazer a monografia e me dedicar mais ao curso, e acabou me ajudando a escolher o tema. Agradeço também a Joederson, amigo de longa data e pessoa que eu admiro e tomo como exemplo para minha vida. Um grande exemplo de pessoa e policial, mas, principalmente, de amigo, com quem eu sei que sempre poderei contar. Agradeço também a outros grandes e eternos amigos: Diego, Omar, Fafinha e Adriano, com os quais eu compartilhei provavelmente a maior parte da minha vida e pretendo compartilhar o restante dela.

Agradeço muito a Anderson Raniere. Mesmo em Caruaru, nada diminui a amizade que construímos ao longo dos anos. Nem que eu fosse pra China (e eu espero ir) ele deixaria de ser o meu melhor amigo. Agradeço também a Raíssa, que por um bom tempo compartilhou conosco esta amizade.

Agradeço também a dois amigos especiais: Rui Ikko e Luciana Reiko, do Centro Zen de Campina Grande. Só Deus sabe o quanto este casal fez por mim em momentos extremamente difíceis de minha vida. Não fosse seus preciosos conselhos, eu provavelmente nem teria terminado o curso.

Agradeço a todos os meus professores neste curso, mas, principalmente, a Clarindo, Liége, Faustino, Benjamim e Giscard, cujas disciplinas ficaram especialmente marcadas ao longo do curso, e pelo apreço que tenho por todos, seja na qualidade de professor, pessoa ou amigo.

Mas agradeço, especialmente, a um professor do departamento com quem não cheguei a pagar nenhuma disciplina, mas que me fez voltar a gostar de estudar História. Sem ele, minha idéia de trabalhar com o medo não teria passado de uma grande frustração. Se existe alguém a quem eu devo agradecer por ter sido capaz de escrever cada uma das páginas desta monografia, essa pessoa é Alarcon Agra do Ó.

E, por fim, agradeço ao Kung Fu: arte, filosofia, esporte, (tortura), que se tornou nada menos do que parte do meu ser. E, por último e mais importante, a Deus (que dispensa qualquer palavra de agradecimento).

## SUMÁRIO

<b>I</b> .....	10
<b>II</b> .....	19
<b>III</b> .....	32
<b>IV</b> .....	46
<b>V</b> .....	63
<b>Bibliografia</b> .....	66

# I

*“Provisoriamente não cantaremos o amor, que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos. Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços, não cantaremos o ódio porque esse não existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro, o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos, o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas, cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.”*

**Carlos Drummond de Andrade**

Carlos Drummond de Andrade se preocupou com o medo, mas não foi o único. Muitos intelectuais, poetas, psicólogos, cientistas, historiadores e sociólogos, perceberam que o medo está na ação, que ele está presente, modificando a cada instante a direção do cotidiano. Ao longo dos anos as pessoas parecem agir ou deixar de agir por medo de algo ou de alguém. A ação pelo medo conduz a cadeias de outras ações que podem se prolongar indefinidamente. Essas ações, por menores que sejam, acabam estando, a longo ou curto prazo, relacionadas a medos conscientes ou inconscientes que vão muito além da capacidade humana de percebê-los e demonstrá-los.

Estes medos influenciam, a todo instante, aspectos nos níveis mais diversos da sociedade: na cultura, na economia, na política e no cotidiano, a longo ou curto prazo, em níveis conscientes ou inconscientes. Frequentemente, nossas ações são motivadas pelo medo, e muitas vezes é difícil identificar seu papel e sua influência em erros e acertos essenciais que os homens cometem no dia-a-dia. Muitas vezes somos salvos ou aprisionados por este sentimento que pode nos proteger ou nos alienar. Procurando identificar o medo no plano coletivo, pretendo buscar, nos limites cotidianos em que o medo se insere, os pormenores que fazem deste sentimento um inimigo diário, já que nem sempre as pessoas se valem do caráter essencialmente protetor do medo e nem sempre conseguimos distinguir se ele é oportuno ou não.

A história recente tem dado maior visibilidade ao medo e a outros assuntos antes considerados banais ou sem importância, relativos ao cotidiano e aos aspectos mentais compartilhados na sociedade. Esta nova historiografia passou a reconhecer que aspectos que frequentemente fogem à nossa visão, por eventualmente parecerem tão banais, podem influir na maneira como vivemos. O indivíduo e a sociedade possuem infinitas e

complexas características, as quais não podem ser explicadas somente por aspectos econômicos ou políticos, e por esse motivo tais inovações fazem eco hoje na história que vem sendo produzida no Brasil e no mundo.

O próprio Lucien Febvre já chegou a fazer considerações acerca da história do medo, assim como G. Lefebvre (ambos na primeira metade do século XX). Entretanto, a base teórica inicial referente à história do medo que utilizarei virá principalmente do sociólogo Zygmunt Bauman e, mais eventualmente, do historiador Jean Delumeau (pelo menos nesta introdução, onde trabalho mais teoricamente os conceitos de medo). A análise sociológica de Bauman poderá sustentar esta arriscada análise do mundo contemporâneo, já que meu objeto de estudo se encontra em um passado muito recente. Já na relação cinema-história, terei em Marco Napolitano e Cristiane Nova o principal alicerce para a análise do filme *V de Vingança*, que será explorado aqui. Porém, as bases históricas nas quais me fundei – que, eu espero, tenham dado legitimidade à minha análise – vêm principalmente dos historiadores Eric Hobsbawm e Nicolau Sevcenko<sup>1</sup>.

Com relação à organização do texto, optei por uma análise mais prática do filme, sem reservar capítulos específicos para discussões essencialmente teóricas, o que deixaria a leitura travada e cansativa. Por isso não especifiquei temas para os capítulos, fazendo apenas uma divisão do todo em cinco partes. A análise do filme está atrelada às análises histórico-sociais, não havendo nenhum marco específico de temas ou análises, que tendem a ser abrangentes. Daí a opção por não intitular nenhum dos capítulos.

Os filmes também foram de grande ajuda neste processo, pois além de *V de Vingança*, existem outros aos quais me reporto como referência para o leitor mais interessado por esta arte, e que também me ajudaram a levantar a questão da mudança de foco de muitos filmes norte-americanos recentes, que têm muitas vezes como tema críticas à sociedade americana – e em muitos deles o papel do medo assume alguma importância. Por isso me limitei a filmes estadunidenses como referência.

Ainda devo acrescentar que a internet se mostrou bastante útil neste trabalho, me fornecendo informações importantes e surgindo como fonte acessível para a familiarização com certos temas e acontecimentos, recentes ou remotos. É importante lembrar, também, que o filme *V de Vingança* é uma adaptação da *graphic novel*

---

<sup>1</sup> Trabalharei principalmente com os seguintes livros: *Medo Líquido*, de Zygmunt Bauman; *Globalização, Democracia e Terrorismo*, de Eric Hobsbawm; *A Corrida para o Século XXI: no Loop da Montanha-Russa*, de Nicolau Sevcenko; *A História do Medo no Ocidente*, de Jean Delumeau; e o artigo *O Cinema e o Conhecimento da História*, de Cristiane Nova.

homônima, criada na década de 1980 por Alam Moore e David Lloyd e, portanto, a leitura deste material abriu-me muitas perspectivas sobre a análise posterior do filme.

Acrescento ainda que apesar das inovações historiográficas estarem cada vez mais consolidadas, os estudos sobre o medo ainda são raros, sendo praticamente escassos na Paraíba e, talvez, até mesmo no Brasil. Acredito, porém, que investindo neste assunto portas irão se abrir para futuras pesquisas mais aprofundadas nessa área.

A respeito do medo, Jean Delumeau coloca o seguinte:

No sentido estrito e estreito do termo, o medo (individual) é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. Colocado em estado de alerta, o hipotálamo reage por uma mobilização global do organismo, que desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca sobretudo modificações endócrinas.<sup>2</sup>

O medo é inerente a todas as espécies. Sentimos medo, independentemente dos arquétipos que nos são atribuídos: homens valentes, honrados, dignos. O medo existe e é necessário, porque cria condições em nosso cérebro que podem multiplicar, momentaneamente, nossas capacidades biológicas, a fim de nos fornecer condições especiais para enfrentar situações de perigo. Psicologicamente falando, o medo tem a função específica e essencial de proteger. Para isso, porém, é preciso direcionar a energia que provém deste estado emocional alterado, pois é esta mesma energia que provoca a paralisia experimentada pelo ser humano quando se encontra em uma situação de especial perigo.

Em outra dimensão, está claro que há muito tempo líderes e os grandes responsáveis pela poderosa mídia mundial já perceberam que o medo pode se tornar um instrumento extremamente eficiente de controle das massas. Mas, sem dúvida, eles não foram os primeiros. Ao longo de toda a história da humanidade, encontramos o poder justificado pelo medo, seja do homem, de Deus, da Igreja e do Inferno, seja do terrorismo, do comunismo, da ditadura, da guerra, da violência, da doença ou do diferente, o medo muitas vezes está por trás da submissão, coletiva ou não, mesmo que não seja o único motivo para tal. Delumeau observa que “não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidos num diálogo permanente com o medo”, ao citar o exemplo da cidade

---

<sup>2</sup> DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990. p. 23.

Augsburgo, no século XVI, numa grande demonstração de que os mecanismos de segurança utilizados pela humanidade têm, muitas vezes, valor simbólico.<sup>3</sup>

O autor mostra que, ainda na primeira metade do século XX, G. Lefebvre, assim como Lucien Febvre, já apontavam a necessidade de conceder ao medo seu papel singular na história das sociedades. Delumeau cita L. Febvre para enfatizar que:

...não se trata [...] de construir a história a partir da exclusiva necessidade de segurança – como G. Ferrero estava tentado a fazer a partir do sentimento do medo [...] – [...] trata-se essencialmente de colocá-lo em seu lugar. digamos, de restituir seu quinhão legítimo a um complexo de sentimentos que, considerando-se as latitudes e as épocas, não pôde deixar de desempenhar um papel capital na história das sociedades humanas para nós próximas e familiares.<sup>4</sup>

Entretanto, os fatores citados acima não pareceram suficientes para chamar a atenção dos historiadores sobre o papel do medo na história, já que mesmo atualmente este enfoque ainda é evitado.

Para Delumeau, a causa deste silêncio está diretamente ligada à nossa concepção moral sobre o medo, às censuras que nos impomos por causa deste sentimento, engendradas e difundidas pela língua escrita e falada. Trata-se da vergonha que imbuímos à palavra medo, “a confusão mental amplamente difundida entre medo e covardia, coragem e temeridade”<sup>5</sup>, provavelmente reforçada, na sociedade ocidental, pela nobreza – séculos XV e XVI – ameaçada pela ascensão da burguesia, ao encorajar uma literatura voltada à exaltação da coragem, bem como a difusão da idéia da propensão dos humildes ao pavor, à covardia e à crueldade.

Mas lentamente parece estar havendo uma mudança na atitude diante do medo. A relação humana com o medo foi – e vem – se transformando, adquirindo uma preocupação maior com a realidade psicológica do ser humano: na literatura, na psicologia, na filosofia, no cinema, mas, curiosamente, negligenciado pela historiografia.

O medo é um sentimento ambíguo. Se, por um lado, se faz necessário para nossa preservação, por outro, quando ultrapassa doses saudáveis, torna-se patológico e cria sérios bloqueios físicos e mentais. Por isso, ao longo dos séculos diversas sociedades deram um lugar especial ao medo em sua mitologia. Delumeau cita, por exemplo, uma

<sup>3</sup> DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente*, p. 12.

<sup>4</sup> FEBVRE, Lucien. Apud. DELUMEAU, Jean. “Introdução”. In: *A história do medo no Ocidente*, p. 12.

<sup>5</sup> DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente*, p. 13.

aldeia indígena próxima ao México, cuja crença tradicional era a de que um grande pavor fazia a alma soltar-se do corpo. E prossegue:

Compreende-se por que os antigos viam no medo uma punição dos deuses, e por que os gregos haviam divinizado Deimos (o Temor) e Fobos (o Medo), esforçando-se em conciliar-se com eles em tempo de guerra. Os espartanos, nação militar, haviam consagrado uma pequena edícula a Fobos, divindade a quem Alexandre ofereceu um sacrifício solene antes da batalha de Arbelos. Aos deuses homéricos Deimos e Fobos correspondem as divindades romanas Pallor e Pavor [...]. Quanto a Pã, na origem deus nacional da Arcádia que, ao cair do dia, espalhava o terror entre os rebanhos de pastores, tornou-se a partir do século V uma espécie de protetor nacional dos gregos [...]. Assim, os antigos viam no medo um poder mais forte do que os homens, cujas graças contudo podiam ser ganhas por meio de oferendas apropriadas, desviando para o inimigo sua ação aterrorizante.<sup>6</sup>

Por fim, é necessário atentar para a diferença estabelecida pela psiquiatria entre medo e angústia. Resumidamente, o medo é relativo a um perigo já conhecido, comum, e por isso é mais facilmente superado. A angústia, por sua vez, está relacionada com a postura diante do desconhecido, uma sensação de insegurança insuperável, justamente por não saber se e quando haverá a possível materialização do objeto ou idéia temidos. Ela é mais complexa, pois aí atua a imaginação humana, que numa dimensão demasiadamente negativa pode levar à distorção da realidade: o perigo imaginado pode ser muito mais aterrorizante do que o perigo real.<sup>7</sup>

O medo analisado neste trabalho possivelmente é mais semelhante a esta descrição de angústia, pois se encontra em um plano muito mais psicológico, trabalha com as possibilidades através dos fatos. De certo modo, existe uma interação constante. Por exemplo, os telejornais enviam a mensagem: “a violência tem aumentado de forma impressionante nas cidades”, e o cérebro se encarrega do resto, com a ajuda de uma ou duas sugestões cotidianas: “a qualquer momento você pode ser a próximo, é só uma questão de tempo”. Portanto, o medo pode aparecer alimentado por possibilidades, por perigos que estão sabe-se lá onde, mas que podem estar bem perto de nós.

O medo muitas vezes acaba por aprisionar as pessoas, principalmente aquelas que exageram a necessidade de segurança, marginalizando o risco, como algo para quem não ama a própria vida ou para quem não teme a morte. Mesmo que valorizar a vida não seja o mesmo que fugir da morte a todo custo, é comum confundir as duas coisas. Até mesmo a ausência de risco é relevante quando se procura considerar fatores

<sup>6</sup> DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente*, p. 20.

<sup>7</sup> Sobre a diferenciação da psicologia entre a angústia e o medo, ver DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente*, p. 25.

que causam crises existenciais, depressões e suicídios. E o medo está de alguma forma ligado a todos eles.

Desse modo, assim como têm feito vários estudiosos de diversas áreas, ultimamente, pretendo dar ao medo um enfoque expressivo, colocando-o como tema de pesquisa. Neste trabalho, pretendo realizar uma pesquisa que irá prover as bases para a realização de um estudo mais aprofundado sobre a influência do medo na vida moderna. Para tal, analiso aqui o filme *V de Vingança*, que expõe o medo trabalhado na tentativa da manipulação popular e sua disseminação através de meios sutis, demonstrando o poder da mídia, da opressão e das palavras.

Na relação entre História e cinema, começo enfatizando que, apesar do grande aprofundamento no assunto desde a década de 70, o estudo das relações entre cinema e história é relativamente recente, apesar de muito vir sendo produzido neste sentido nas últimas décadas. Não obstante, as produções cinematográficas adquiriram o status de documento imprescindível à análise historiográfica do mundo contemporâneo.

Com os últimos avanços nessa área, convencionou-se dividir o estudo do cinema em dois enfoques principais, definidos por Marc Ferro: utilizando-o como documento primário, isto é, como testemunho vivo da época em que foi produzido, onde se torna possível fazer uma leitura histórica do filme, e utilizando-o como documento secundário, onde aparecerá como representação do passado, um discurso sobre a história, onde é possível fazer uma leitura cinematográfica da história. Daí a premissa de que todo filme é um documento histórico, consistindo, no mínimo, um testemunho autêntico, mas não direto e mecânico, da época em que foi produzido, a ideologia, as mentalidades coletivas, os costumes, etc. Assim, é possível encaixar qualquer filme na primeira definição, como documento primário, assim como um escrito do século XVI pode ser classificado como documento primário da época em que foi produzido.

O segundo caso, por sua vez, incorpora os chamados “filmes históricos”, que são aqueles que têm como temática um fato ou época histórica, onde se encaixam os documentários, os filmes de época, as biografias históricas, etc.<sup>8</sup>. Sobre estes dois enfoques é preciso acrescentar a observação de que não são as únicas possibilidades de investigação histórica de um filme, existindo outras como, por exemplo, a visão do filme como agente histórico, que influencia e é influenciado pela sociedade que o criou.

---

<sup>8</sup> NOVA, Cristiane. “O cinema e o conhecimento da história”. In: *O Olho da História: Revista de História Contemporânea*, Salvador, v. 2, nº. 3, 1996.

Assim como as produções do cinema, nós, historiadores, quando tentamos dar sentido ao passado, somos influenciados pelo presente, a época e a sociedade em que vivemos. Do mesmo modo, o cineasta, ao criar um filme – assim como um historiador, ao tentar dar sentido ao passado – leva consigo subjetividades que por vezes passam despercebidas, além de censuras morais, ideológicas, sociais, econômicas, comerciais, entre outras. Mesmo que desejem falar sobre um passado, seja remoto ou não, os produtores de um filme estão muito mais imbuídos do seu presente do que geralmente têm consciência. Ter consciência plena dessas subjetividades parece impossível, seja para o próprio produtor, seja para aquele que procura analisar essas subjetividades.

Na qualidade de historiador, entretanto, nos encontramos na ânsia de encontrar, na medida do possível, o quanto um filme, como um documento, pode nos permitir a problematização de experiências históricas. É justamente na qualidade de documento primário que pretendo perceber como alguns medos contemporâneos estão refletidos, consciente ou inconscientemente, no filme *V de Vingança*, o documento central sobre o qual irei realizar minha pesquisa. Relembro que não pretendo me restringir a este filme e, sempre que possível, pretendo fazer referência a outras obras recentes que demonstram a preocupação com o medo ou com problemas sociais pertinentes ao mundo atual.

Pois o que mais chama atenção nestes filmes, o que os torna mais ousados e, portanto, mais atraentes aos olhos de um historiador, não são somente os seus conteúdos críticos e politizados. Críticas ao “*american way of life*” não são nenhuma novidade no cinema, mesmo no cinema norte-americano. O mais interessante é que, desde o final da década de 1990, filmes hollywoodianos têm se voltado cada vez a este tema e, como nunca antes, têm recebido premiações do Oscar (a *Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos da América*), evento historicamente criticado por premiar somente aquelas produções cinematográficas baseadas nas tradicionais fórmulas do cinema estadunidense: aquilo que se convencionou chamar de “cinema enlatado”. É possível citar pelo menos dois exemplos recentes de filmes premiados na categoria de melhor filme, com conteúdo claramente crítico com relação à sociedade norte-americana: *Beleza Americana* (1999 – vencedor do Oscar no ano 2000) e *Crash – No Limite* (2004 – vencedor no ano de 2005).

Como coloca Cristiane Nova, “todo filme é passível de ser utilizado como documento”. Porém, para utilizá-los como tal é preciso se ater a alguns cuidados especiais, entendendo, desde o início, que o filme não é um reflexo direto e organizado

da sociedade que o produziu. Mesmo sendo feito por uma equipe, um filme possui um grau elevado de subjetividade que não pode ser reduzido à influência do ambiente. Obras de arte dificilmente seguem modelos preestabelecidos de criação. Fora isso, até os aspectos estéticos e a linguagem cinematográfica de um filme é socialmente condicionado, merecendo uma atenção e preparação especial do historiador. Utilizando as palavras da autora:

Para o melhor aproveitamento do caráter documental do filme, é necessário que o pesquisador, o 'analista', saiba dissecar os significados 'ocultos' (porém presentes: não se trata de caminhar na via das elucubrações e especulações) existentes na película. O método da investigação consiste, simplificada e, **em buscar os elementos da realidade através da ficção.**<sup>9</sup>

E já que o filme contém elementos inseridos tanto conscientemente como inconscientemente, ele transmite dispositivos psicológicos que refletem profundas camadas da mentalidade coletiva. O que permite a conclusão de que isso inclui os nossos medos, dos mais superficiais aos mais profundos que, por serem assim, são marginalizados. Mas “um filme diz tanto quanto for questionado” e, portanto, será o “analista” aquele que dará a palavra final ou deixará em aberto o significado das ações humanas presentes no filme, da mais banal à mais explícita.

Destaco aqui que o modelo de análise proposto pela autora não servirá como um esquema fechado para análise de qualquer filme, mas algo em que poderei me basear para a minha análise de acordo com as peculiaridades de meus objetivos. São notáveis as dificuldades de analisar um filme como documento histórico (dificuldade, aliás, que existe em qualquer documento histórico), porém o objetivo deste trabalho é analisar este filme de forma a conhecer aspectos mentais relativos ao medo. Por isso, a análise tomará caminhos próprios ditados pela necessidade da pesquisa, tomando os passos já apresentados apenas como modelos valiosos que guiarão o processo de análise. Sintetizando, creio que seja importante encarar o filme sempre centrado no objetivo último da análise, aquilo que Marco Napolitano observou como a necessidade de perceber “o que um filme diz e como diz”<sup>10</sup>.

Assim, considero importante ter o filme *V de Vingança* como fonte de estudo, pois sua história é uma clara metáfora a questões bastante recentes (e muitas ainda atuais), com analogias a conflitos sociais pertinentes ao mundo ocidental e à forma

<sup>9</sup> NOVA, Cristiane. *O cinema e o conhecimento da história*, p. 03.

<sup>10</sup> NAPOLITANO, Marcos. “Fontes Audiovisuais: A História depois do Papel”. In: PINSKY, Carla (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 245.

como os governantes vêm conduzindo os países desta parte do globo – EUA e Inglaterra, especificamente. Pretendo, então, demonstrar como o filme sugere a analogia do atual sistema político destes países ao governo fascista da sociedade “fictícia” apresentada na história, bem como a alienação de um povo pela mídia e as possibilidades de envolvimento de certos políticos e “poderosos” com as mesmas atrocidades e artimanhas nas quais estão envolvidos os “poderosos” do filme. A trama torna possível perceber a forma como o uso da mídia e da violência pode incitar o sentimento de medo na população e como a utilização sistemática desses medos pelos governantes pode levar a um incremento na sua popularidade e a legitimar suas ações políticas, visando o poder e interesses individuais ou de pequenos grupos.

## II

*“Um humilde veterano do teatro de variedades, escalado como vítima e vilão pelas vicissitudes do destino. Esta máscara não é um mero vestígio de vaidade. É um vestígio da vox populi, que não mais existe. No entanto, esta valente visita de um irritante ser ultrapassado visa varrer esses vermes venais e virulentos da vanguarda do vício, que permitem a viciosa e voraz violação da vontade... O único veredicto é vingança. Uma vendeta, mantida como voto, não em vão, por seu valor e veracidade que um dia vingará os zelosos e os virtuosos... Na verdade, depois dessa vívida verbosidade tão vociferante, só quero dizer que é uma honra conhecê-la. Pode me chamar de V.”*

### V de Vingança

Todos os anos, na Inglaterra, no dia 5 de novembro, é comemorado o fracasso de uma conspiração de católicos para derrubar o prédio do parlamento inglês e assassinar o rei, Jaime I, pela perseguição que este infligia aos seguidores do catolicismo no país. Em 05 de Novembro de 1605, Guy Fawkes foi capturado numa sala sob a Câmara dos Lordes preparando 36 barris de pólvora para explodir o prédio. Tendo sido torturado, acabou por confessar, revelando a conspiração. A intenção dos conspiradores era criar o caos e a desordem no governo, para que um novo surgisse em seu lugar. Desde então, nesta data, retratos e máscaras de Guy Fawkes são queimados, no país, em homenagem ao golpe que não deu certo.

Para Alan Moore e David Lloyd, entretanto, esse personagem histórico parecia mais uma espécie de precursor do anarquismo, na medida em que sua intenção ao provocar o colapso da ordem vigente era que a destruição gerasse um vazio onde algo novo e melhor pudesse tomar o lugar. Desse modo, Fawkes acabou se tornando a inspiração perfeita para estes dois escritores criarem a imagem do anti-herói V, protagonista da *graphic novel*<sup>11</sup> lançada em 1988 pela editora DC Comics, intitulada *V de Vingança* (*V for Vendetta*, do original inglês). A história começou a ser escrita em 1981, por Alan Moore, sendo finalizada somente em 1988, com a colaboração de David Lloyd, responsável pela ilustração do quadrinho, além de auxiliar na criação dos personagens e da história.

Escrita durante a era Thatcher, a história se passa numa Londres futura, no ano de 1998, após uma guerra nuclear. Em uma era de caos, onde a África foi “varrida” e

<sup>11</sup> Graphic novel, ou romance gráfico, é um termo comumente usado para referir-se a qualquer forma de quadrinho de longa duração.

grande parte do mundo se encontra em situação deplorável, a Inglaterra sobrevive governada por um Estado fascista, que possui olhos, boca, nariz, ouvido e dedos, instituições que metaforicamente formam a *Cabeça*, isto é, o sistema governamental, na pessoa do líder Adam Susan.

Não é preciso ir longe para perceber o que cada órgão (literalmente) faz. O *Olho* é responsável pelo monitoramento da população, através de câmeras espalhadas por toda a cidade, e é liderado pelo Sr. Heyer. O *Ouvido*, na pessoa do Sr. Etheridge, faz o mesmo processo, mas através de escutas sistematicamente espalhadas. A *Boca* é onde nasce a *voz do destino*, programa de rádio onde o locutor, Lewis Prothero, transmite as notícias que ao governo interessa anunciar. O *Nariz* fareja, é responsável pelo trabalho de investigação e seu principal representante é o inspetor Eric Finch. Por fim, o *Dedo* é o responsável pela execução do trabalho sujo do governo: a repressão, as torturas, a vigilância, etc. Inicialmente é comandado pelo Sr. Almond, substituído posteriormente pelo Sr. Creedy. Assim, aparece uma forma de governo tão controladora que em muito lembra o mundo de George Orwel, em *1984*, com toques de recolher, controle sistemático dos passos da população, áreas de quarentena, etc.

O fascismo predomina de forma extrema e se traduz no ideal de uniformidade de pensamentos, palavras e ações. O governo persegue minorias, que na *novel* aparecem principalmente na pele de negros, homossexuais e comunistas. Laboratórios são criados para experimentos genéticos, mais semelhantes a campos de concentração nazistas. Muitas pessoas são exterminadas ou usadas em experiências genéticas. Entretanto, surge de uma dessas experiências um homem com capacidades físicas e mentais acima do comum e que busca, ao mesmo tempo, uma revolução social e sua vingança pessoal. Conhecido apenas pelo codinome *V*, ele é um homem que não se identifica durante todo o enredo, usando uma máscara de Guy Fawkes para cobrir seu rosto. Ao contrário dos heróis de praxe, sua máscara jamais cai, pois simboliza um ideal que está acima do homem por trás da máscara. Assim, a máscara de Fawkes e o dia 05 de novembro, data em que explode as casas do parlamento, simbolizam o personagem que se apresenta.

Este homem, sozinho, vai tentar transformar a sociedade em que vive destruindo ou se apoderando sistematicamente dos símbolos do poder vigente, tal qual o Old Bailey (o mais importante tribunal criminal inglês, que comporta um dos maiores monumentos britânicos: a estátua da justiça) e o prédio do parlamento (realizando o feito que Fawkes não alcançou). Ao mesmo tempo, *V* vai engendrar uma elaborada e sanguinolenta vingança pessoal para com aqueles que julga diretamente responsáveis

pelas condições a que foi submetido. Estes são pessoas ligadas ao centro de readaptação de Larkhill, onde *V* fora torturado e submetido a terríveis experiências. Dentre estas pessoas estão o ex-comandante do centro Lewis Prothero (que passa a ser o locutor responsável pela *voz do destino*), o bispo Lilliman, a legista Delia Surridge, e todos os funcionários que trabalharam no campo Larkhill.

Nessa jornada, *V* conta somente com a companhia de Evey Hammond, a quem acaba por modificar completamente a vida e o modo de ser. Evey segue a trajetória de uma ingênua garota de 16 anos que tenta, de forma malsucedida, iniciar sua carreira na prostituição e que se transforma em uma mulher totalmente diferente, segura de si e com visão política totalmente nova, baseada nos princípios defendidos por *V*. Evey também protagoniza uma incrível seqüência de transmutação pessoal através da dor, quando perde o medo de viver (e de morrer) após passar por um longo processo de tortura. Isso reforça ainda mais a idéia, claramente defendida pelos autores, da necessidade de destruir, para que se possa ganhar algo em troca. Assim como a ordem deve ser destruída para que se crie uma outra, Evey, como *V* em sua experiência em Larkhill, precisou passar por um processo de mutilação extrema dos sentidos para, em troca, perder o medo do sofrimento. Isso torna essa história ainda mais rica, pois ela não se limita a demonstrar o poder alienador e destruidor do medo, mas também mostra a necessidade de se libertar desse sentimento, para viver em plenitude, mesmo que para isso seja necessário passar por uma experiência de extremo ascetismo.

Alam Moore e David Lloyd apontam como principal inspiração para a *graphic novel* o contexto político vigente na década de 1980, com o governo ultraconservador de Margareth Thatcher e a implantação com “mãos de ferro” da política neoliberal na Inglaterra. Talvez seja de se estranhar, entretanto, como um estado totalitário possa ser a versão metafórica de uma política neoliberal, já que a atual política construída para o mundo é, mais exatamente, o oposto do totalitarismo. Porém, analisando com atenção, é possível compreender melhor o sentido de tal alegoria.

Desde o final da década de 1970, a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, juntamente com o então presidente dos EUA, Ronald Reagan, declaravam a falência do “Estado de bem-estar social”, que não teria sobrevivido às contínuas crises da década. Somando-se a isso o crescente descontentamento de setores da sociedade incomodados com a proteção excessiva do Estado “social” e a inevitável atração de uma política que prometia a liberdade de escolha individual, aponta-se, como medida salvacionista, a implantação do “Estado mínimo”, onde a economia global guiaria por si

só a organização da sociedade. Dessa forma, o estado não seria mais o provedor das necessidades sociais. Caberia a este somente a manutenção do bom funcionamento econômico do país, o que teoricamente levaria por si só a um equilíbrio social, onde o cidadão economicamente provido seria responsável pelo seu próprio bem-estar, através da contratação de serviços privados. Era, em resumo, a promessa do fim da monotonia e da “opressão” do Estado.

Nesta sociedade, o individualismo impera junto com o liberalismo econômico. Porém, é aí que a “mão invisível” do mercado se transforma em “mão de ferro”. Em uma sociedade individualista onde se sobressai aquele que está “preparado”, os economicamente fortes são privilegiados e acaba prevalecendo a doutrina da sobrevivência dos mais fortes, tal qual a idéia fascista do início do século ou as doutrinas propagadas por Aleister Crowley<sup>12</sup>. A distribuição de riquezas é, já a princípio, tão desigual que o que deveria ser uma livre concorrência entre indivíduos se transforma numa contínua opressão na qual os mais ricos tornam-se cada vez mais ricos e se apoderam cada vez mais do poder, e a miséria continuamente cresce a proporções aterradoras. Assim nasce, de fato, um totalitarismo velado e que se revela ainda mais aterrador a um inglês que vive nesta Inglaterra dos anos 1980.

A situação fica clara quando analisamos as considerações de Nicolau Sevcenko acerca de uma espécie de totalitarismo empresarial que se espalhou pelo mundo:

A situação se reconfigurou assim: se não se anularem as garantias sociais e o poder de pressão dos sindicatos e associações civis, os quais insistem em defender salários, direitos contratuais, condições de trabalho e cautelas ecológicas, a alternativa é a evasão pura e simples das empresas, o desemprego e o conseqüente colapso de um Estado sobrecarregado, incapaz tanto de pagar suas dívidas como de atender as demandas sociais. As grandes empresas podem, desse modo, obrigar o Estado a atuar contra a sociedade, submetendo ambos, Estado e sociedade, aos seus interesses e ao seu exclusivo benefício.<sup>13</sup>

Em pouco tempo, o povo de um país que tinha em sua rainha o símbolo de um Estado maternal, sempre pronto a atender as necessidades dos “filhos”, vê-se desolado, abandonado, órfão, entregue às forças esmagadoras de um sistema competitivo e

<sup>12</sup> Na *graphic novel*, *V* chega a citar Aleister Crowley, deixando subtendida a sua aproximação com as idéias desse líder. Em minha opinião, o autor acabou criando um paradoxo, ao associar o anarquismo de *V* com as idéias individualistas de Aleister Crowley – lembrando que Crowley defende o egoísmo como uma característica positiva do ser humano, assim como o neoliberalismo prega que os interesses individuais por si só levam à organização da sociedade. O lema “faze o que quiseres, pois é tudo da lei” poderia muito bem traduzir as aspirações do medroso homem moderno.

<sup>13</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 31.

desigual. Os filhos são traídos e, no lugar da mãe – a rainha provedora – surge uma madrasta implacável: o neoliberalismo travestido na pessoa de Margaret Thatcher. Algumas pessoas, tal como Alam Moore e David Lloyd, perceberam, como desvela Zygmunt Bauman, que “a liberdade sem segurança não é menos perturbadora e pavorosa do que a segurança sem liberdade”, pois “as duas condições são ameaçadoras e impregnadas do medo – as alternativa entre a cruz e a espada”<sup>14</sup>. Não é à toa que, no Quadrinho, *V* conceba, no Old Bailey, um diálogo hipotético, mas majestoso com a estátua da justiça antes de explodi-la, que demonstra sua qualidade de amante traído<sup>15</sup>:

- Olá, madame justiça!

- Boa noite, *V*!

- Pronto, agora já nos conhecemos. Para ser sincero, outrora fui um admirador seu. Até imagino o que está pensando: “o pobre rapaz tem uma queda por mim... uma paixão juvenil”. Desculpe, mas não é o caso. Eu a admirava, apesar da distância. Ainda criança, passando pela rua, eu admirava sua beleza. Eu dizia a meu pai: “quem é aquela moça?”, e ele respondia: “é a madame justiça”, ao que eu replicava: “como ela é linda!”. Por favor, não pense que se trata apenas de atração física. Em absoluto. Eu a amava como pessoa, como ideal. Isso foi há muito tempo. Agora, confesso que há outra...

- O que? Que vergonha, *V*! Traindo-me com uma meretriz de lábios pintados e sorriso vulgar!

- Eu, madame? Permita-me uma correção. Foi a sua infidelidade que me arremessou aos braços dela! Ah, ficou surpresa, não? Pensou que eu desconhecia suas escapadelas? Enganou-se. Eu sei de tudo. Na verdade não me surpreendi quando soube que você flertava com homens de uniforme. (...) Você não é mais minha justiça. (...) Recebeu outro em sua cama. Faça bom proveito de seu novo amante.

- Snif, Snif. Quem é ela? Como se chama?

- Seu nome é Anarquia, e ela me ensinou muito mais como amante do que você imagina. Com ela, aprendi que não há sentido na justiça sem liberdade. Ela não faz promessas e não deixa de cumpri-las, como você. Eu costumava me indagar por que jamais me olhou nos olhos. Agora eu sei. Por isso, adeus, cara dama. Nossa separação não me entristece, uma vez que não é mais a mulher que amei outrora.

Assim como para *V* a justiça não é mais a mulher que amou, para o britânico, na era Thatcher, o Estado não é mais a mãe que tanto o protegeu e, naturalmente, não é a toa que seja concebida a idéia de que a justiça abandonou o mundo, não por homens de uniforme, mas por magnatas de terno, gravata e óculos de sol. Até a década de 1970, a tendência foi o controle da economia pelos Estados nacionais, onde as grandes corporações estavam submetidas a taxações direcionadas a setores carentes da sociedade, “organizando assim”, nas palavras de Nicolau Sevcenko, “uma redistribuição

<sup>14</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 178.

<sup>15</sup> MOORE, Alam e LOYD, David. *V de Vingança - Edição especial*. São Paulo: Panini Comics. 2006, p. 41-43. O próprio *V* simula um diálogo com a estátua, reproduzindo sua própria fala e a fala da madame justiça.

de recursos na forma de serviços de saúde, educação, moradia, infra-estrutura, seguro social, lazer e cultura”, o que caracterizou o chamado “Estado de bem-estar social”. A mudança “na base tecnológica e na organização dos negócios” ocorreu, entretanto, “de um modo que se esquivou a quaisquer controle, fiscalizações, debates ou avaliações”, sem discussões em nenhum governo ou sociedade afetado por elas nem em nenhum foro internacional.<sup>16</sup>

Isto provavelmente tornou ainda maior a frustração do inglês, visto que a Inglaterra foi um dos povos mais “mimados” pelo “Estado-babá” – mimo esse que também fez com que muitos encarassem com alvoroço a “liberdade” proporcionada pela “nova ordem”. Esta metáfora, portanto, se encaixa com precisão na sua relação com a sociedade inglesa da década de 1980, e em todo o mundo ocidental, desde o início do processo de globalização e do advento da economia neoliberal, enfocando principalmente o lado oprimido pelo novo sistema. Então, se por um lado totalitarismo e neoliberalismo são opostos, numa sociedade em que as escolhas são, por vezes, extremas, os opostos se mostram, em seu extremismo, muito mais próximos do que podem parecer. Em um texto escrito por Alam Moore em 1988, para servir como introdução da *graphic novel*, o autor desabafa enquanto coloca seu desamparo com os discursos adotados na época em relação às minorias:

Estamos em 1988 agora. Margaret Thatcher está entrando em seu terceiro mandato e fala confiante de uma liderança ininterrupta dos Conservadores no próximo século. Minha filha caçula tem sete anos, e um jornal tablóide acalenta a idéia de campos de concentração para pessoas com AIDS. (...) O governo expressou o desejo de erradicar a homossexualidade até mesmo como conceito abstrato. Só posso especular sobre qual minoria será alvo dos próximos ataques. Estou pensando em deixar o país com minha família em breve. Esta terra está cada vez mais fria e hostil, e eu não gosto mais daqui!<sup>17</sup>

No ano de 2006, é lançada a adaptação da *graphic novel* para o cinema, escrita pelos irmãos Larry e Andy Washowski – os mesmo que escreveram, dirigiram e produziram a trilogia *Matrix* – e sob a direção de James Mc Teigue – co-diretor de *Matrix*. O filme, porém, apresenta um enredo bastante diferente da *graphic novel*. A história em quadrinhos, apesar de conter diversos elementos passíveis de uma densa

<sup>16</sup> Cf. SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p. 30-31.

<sup>17</sup> MOORE, Alam e LOYD, David. *V de Vingança - Edição especial*, p. 8. Moore escreveu essa introdução quando da publicação de *V de Vingança* pela DC Comics e ela é reimpressa desde a primeira edição.

análise, não possui tantas referências ao papel do medo como o filme, nem aborda com tanta ênfase o papel da mídia no processo de produção das “verdades oficiais”. Por outro lado, o líder (o auto-chanceler) criado na história original tem uma personalidade mais próxima dos típicos líderes políticos atuais. De índole calma, sabe que a preservação da imagem é essencial para a manutenção do poder. O filme, ao contrário, mostra um alto-chanceler carrancudo, de fala raivosa, num estereotipo perfeito de um tirano ou, pode-se dizer, apenas uma versão exagerada de Hitler, mas nada condizente com os líderes atuais.

Os irmãos Washowski preferiram adaptar a novela ao contexto atual, colocando elementos modernos e valendo-se de novos conceitos políticos e temas mais atuais. Foram feitas inúmeras mudanças com relação aos quadrinhos, de modo que praticamente só a idéia central permaneceu intacta: a história de um homem que adquire características físicas e intelectuais acima do comum, após ter sido submetido a terríveis experiências em laboratório, e decide se vingar de seus malfeitores, ao mesmo tempo em que tenta libertar seu povo das amarras do medo.

O cenário é Londres, em 2020, e a Inglaterra parece liderar o pouco que sobrou do mundo após uma guerra que devasta o planeta. Os EUA, que iniciaram a guerra, foram praticamente varridos por ela e vivem em estado de miséria em meio à fome e epidemias, assim como o resto do mundo. No filme não fica claro se trata-se de uma guerra nuclear. O próprio Alam Moore admitiu, no prefácio da edição da *graphic novel* lançada pela DC Comics, sua inexperiência política na construção da história:

Em 1981, o termo “inverno nuclear” ainda não havia se tornado corriqueiro e, embora meu palpite sobre as catástrofes climáticas chegasse bastante perto da realidade, a trama ainda assim sugere que uma guerra nuclear poderia deixar sobreviventes. Pelo que eu sei hoje, não é o caso.<sup>18</sup>

Nuclear ou não, a guerra traz muitas mortes, epidemias e fome. Os governantes surgem como salvadores da Inglaterra e o fascismo é reconhecido como o único modo de manter a ordem, o único meio para o triunfo, em um futuro onde a 3ª guerra mundial havia gerado um mundo de caos e medo. A *nórdica chama* (partido fascista que se apodera do governo) chega ao poder logo após uma série de atentados em três pontos estratégicos de Londres, atribuídos a um grupo de extremistas religiosos. Um ataque viral atinge uma escola (St. Mary’s), uma estação de tratamento de água (Tree Waters) e

<sup>18</sup> MOORE, Alam e LOYD, David. *V de Vingança - Edição especial*, p. 8.

o metrô de Londres, causando milhões de mortes. Logo após os atentados, o candidato Adam Sudler<sup>19</sup> é eleito alto chanceler da Grã-Bretanha. *A nórdica chama* sobe ao poder e instantaneamente lança uma política de segurança contra ameaças terroristas. Cria-se assim, uma sociedade vigiada, controlada por áreas de quarentena e toques de recolher. Esse controle é feito através de escutas e monitoramento, além da ação de vigilância e repressão dos “homens-dedo”, os agentes da polícia secreta comandados por Peter Creedy.

Estabelecida a nova ordem, o governo investe na produção da memória popular. A população já havia sido convencida a doar sua liberdade em troca da segurança. Logo após é convencida da necessidade de purificação racial da sociedade e o conseqüente extermínio de minorias étnicas e políticas. A salvação da Inglaterra é atribuída à intervenção divina e a queda dos EUA à “falta de fé”. Assim, o fanatismo religioso também cumpre seu papel no controle da população. Aqui temos um Lewis Prothero de cara nova. *A voz do destino* se transforma em *voz de Londres* e, diferentemente da *graphic novel*, não se trata aqui de um mero locutor. Trata-se de alguém que transmite a voz do governo, mas agora pela televisão (e essa mudança ilustra o culto à imagem, característico do mundo contemporâneo). Ele é enfático, firme e seguro. É ele que tem o papel de convencer a população de que foi o “juízo final”, não a guerra, que transformou os EUA em uma “colônia de leprosos”. Ele deve fazer com que os ingleses saibam que Deus zela pela Inglaterra, à qual foi dada a benção da sobrevivência, graças às ações que deviam ser e foram cumpridas pelo governo, isto é, a eliminação de “imigrantes, muçulmanos, homossexuais, terroristas e degenerados infectados”<sup>20</sup>.

Já ficam claras as primeiras mudanças. Os alvos da perseguição mudam de forma nada sutil. Se na *graphic novel* eram negros, comunistas e homossexuais, no filme aparecem imigrantes, muçulmanos, terroristas e degenerados e, por algum motivo, desaparecem os negros e comunistas. Mas por quê? Claramente as discussões em torno do preconceito contra imigrantes, muçulmanos e terroristas nunca foram tão atuais, e a referência é clara a tais problemas. A homossexualidade, por sua vez, suscita discussões sempre renovadas, ano após ano. Já as discussões em torno de grupos infectados com as DST's parecem ter sido levemente esquecidas nos últimos anos, principalmente após os atentados ao World Trade Center, em 2001, provavelmente devido à grande atenção

<sup>19</sup> Existe uma pequena variação de nomes do quadrinho para o filme. No primeiro o personagem é o líder Adam Susan e no segundo é o alto chanceler Adam Sudler.

<sup>20</sup> *V de Vingança* (2006), James Mc Teigue, EUA/Alemanha, cap. 02.

dada aos grupos anteriormente citados. O comunismo, desde o colapso da União Soviética, está praticamente esquecido pelas massas. Mas, por que retirar a referência aos negros? Mesmo que situações como as vividas na primeira metade do século XX nos EUA, tal qual o genocídio projetado contra pessoas de pele negra por grupos como *Ku Klux Kan*, já não existam mais em tal escala, é evidente que as questões raciais ainda representam uma significativa preocupação do mundo contemporâneo.

Será que os criadores preferiram evitar criar polêmica sobre este assunto? É provável que não, afinal se quisessem evitar polêmicas os irmãos Washowski não teriam produzido um filme cujo protagonista é um “herói” terrorista e anarquista, em plena época após os atentados de 11 de Setembro. Mesmo levando em conta que são casos específicos, não acredito que isso tenha motivado a omissão. E ela suscita, portanto, questões difíceis de responder. Teriam os criadores algum tabu específico com relação ao assunto? Ou terá sido uma censura da distribuidora do filme, a Warner Bros? Se é assim, por que esta produtora produziria filmes que batem diretamente nesta tecla, como *Crash – No Limite*<sup>21</sup>, de 2004, ou *A outra história americana*<sup>22</sup>, de 1998? É impossível saber ao certo o porquê desta supressão, mas também temos que levar em consideração que pode simplesmente não haver motivo, ou pelo menos não motivos relevantes para isso, e que, ao levantar esta questão, eu esteja superestimando este fato.

Mas há ainda outra ausência marcante no filme. Em nenhum momento há referências diretas à posição anarquista de *V*, apesar de estas serem constantes na *graphic novel*. O longo diálogo com a estátua da justiça<sup>23</sup>, por exemplo, onde ele revela seu “caso de amor” com a anarquia, foi drasticamente reduzido a um simples comentário: “Eu dedico este concerto à senhora justiça, em homenagem às férias que ela tirou deste lugar e em reconhecimento ao impostor que tomou o seu lugar”<sup>24</sup>. A ausência deste aspecto, entretanto, não é de admirar, já que o próprio filme não tem uma pretensão tão explicitamente radical quanto o quadrinho, por ser voltado ao grande público. Afinal, isso seria assustador para um telespectador em busca de diversão momentânea, como a comumente proporcionada pelos filmes de ação estadunidenses, sem maiores conotações políticas.

Pois mesmo que não tenha recebido nenhuma indicação ao Oscar, *V de Vingança* é um thriller que atingiu grande número de espectadores. Apesar de seu

<sup>21</sup> *Crash – No Limite* (2004), Paul Haggis, EUA.

<sup>22</sup> *A Outra História Americana* (1998), Tony Kaye, EUA.

<sup>23</sup> Ver p. 23, acima.

<sup>24</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 03.

conteúdo crítico político-social, é um filme destinado ao grande público. E isso evidencia um talento especial dos irmãos Washowski: o de “agradar a gregos e troianos”. De tal modo, um telespectador inatento pode assistir a *V de Vingança* ou *Matrix* sem se dar conta das inúmeras referências políticas e críticas sociais presentes nestes filmes, enquanto que aquele que perscruta a fundo cada um desses filmes percebe muito mais elementos do que pode ser percebido à primeira vista. Nos dois casos, os irmãos conseguem adaptar um tema político de modo a atrair o grande público. Em outras palavras, suas analogias com os problemas vividos em nossa sociedade são para quem quer (ou pode) ver.

Este tipo de filme político tem uma vantagem sobre os filmes *cult* em geral. Os filmes *cult* não atingem às massas e, portanto, suas mensagens ficam presas a um grupo de pessoas já politizado que, teoricamente, não precisa tanto de tais mensagens. Isso faz com que, de certa forma, esse modelo de filme caia na inutilidade, pelo menos caso a intenção dos produtores seja a conscientização social. Isso, porém, não quer dizer que todas as críticas em *V de Vingança* estejam totalmente veladas. Elas apenas são colocadas de uma forma a agradar o telespectador, esteja ele procurando um thriller político ou não.

Podemos citar ainda outras mudanças em relação à história original. Evey, por exemplo, não é uma garota de 16 anos, não é nada ingênua e, de forma alguma, sequer tenta se prostituir. Pelo contrário, por experiência própria, tem uma opinião bem particular sobre o governo, responsável pela morte de seus pais. É apaixonada por teatro e inteligente, e é relutante em se deixar levar facilmente pelas idéias de *V*. Mesmo assim ela sente medo, o que a faz pensar duas vezes antes de se opor ao governo. A libertação deste medo ocorre de maneira praticamente idêntica à *graphic novel*, através de uma intensa reclusão acompanhada de sessões de tortura e condições de vida degradantes dentro de uma cela.

Existe uma frase espacial, pronunciada por esse personagem, no filme. Ao relatar a fase preferida de seu pai, Evey traz uma passagem que resume a metáfora presente em *V de Vingança*: “artistas usam mentiras para contar verdades e os políticos as usam para encobri-la”. A frase faz menos sentido para a trama do filme, tendo melhor efeito como uma metáfora em relação ao próprio trabalho de Andy e Larry Washowski. Eles são os “artistas” que usaram uma mentira, um filme de ficção, para contar as suas verdades, isto é, seu ponto de vista político e social. Já os políticos que usam mentiras para encobrir verdades, são aqueles que os escritores tentam atingir com a trama, isto é,

os governantes que divulgam relatórios sobre armas de destruição em massa com informação duvidosa para encobrir interesses econômicos e políticos por trás da invasão de um país.

A constituição das instituições governamentais também aparece um pouco modificada no filme. O *Olho* e o *Ouvindo* não recebem tanta relevância quanto na *graphic novel*. Por outro lado, um personagem um tanto apagado nesta surge com um papel especial. Seu nome é Roger Dascomb. Ele é um especialista responsável pela “produção das verdades” que serão divulgadas no noticiário nacional. Assim, a maior parte das tentativas de diminuir ou destruir a imagem de *V*, colocando-o como terrorista psicótico, covarde ou assassino, saem de sua cabeça. Lewis Prothero, como já foi dito, também é mais focado, aparecendo como a voz legitimada, portadora do discurso “verdadeiro” sobre os fatos. Já no *Dedo*, temos desde o início um único líder: Peter Creedy. Se na *graphic novel* ele aparece como um canalha ganancioso que não vê a hora de ocupar o lugar do líder Adam Susan, no filme ele é um homem extremamente objetivo, para quem os fins justificam os meios, frio e calculista, responsável pelas maiores atrocidades do governo.

O personagem do detetive Eric Finch também é modificado. Ele é um homem inteligente em meio a “cobras”. Sabe que qualquer passo em falso o levará à destruição e, por isso, procura conter seus passos. Enquanto todos querem a “cabeça” do “terrorista” ele, lentamente juntando as informações colhidas em sua investigação, percebe que pode haver muito mais relação entre as tragédias virais ocorridas no país anos antes e o governo da “nórdica chama” do que se supõe. Eric Finch assume um papel primordial na trama, sendo aquele que vai, através de sua investigação, juntando as peças dos acontecimentos que culminaram nas ações de nosso herói/vilão e fazendo a ligação dos fatos para o telespectador.

Por sua vez, o trabalho investigativo de Eric Finch, sua busca por elementos normalmente negligenciados e por informações e elementos que dão pistas sobre o que pode ter acontecido no passado, em muito lembram o trabalho de um historiador em busca da “verdade” histórica. Há mais de um século historiadores positivistas procuravam pelos grandes atores sociais, “heróis”, grandes façanhas individuais. Desde a primeira metade do século XX, entretanto, esta ênfase vem sendo transposta para a história implicada nessas “façanhas” individuais e o contexto que as possibilitou, bem como o contexto em que viveram os homens nelas envolvidos. Do mesmo modo, Eric

Finch foi além da tentativa de prender o “terrorista”, ele tentou compreender o terrorista e o que estava por trás de suas ações.

Entre outras coisas, o inspetor vai percebendo que a palavra e o fanatismo religioso, e principalmente o medo, são as peças chaves por trás da ditadura e da alienação do povo. Ao analisar o filme, percebemos que não é só o medo do juízo final, nem da peste, nem da guerra que possibilita a ditadura. É o medo da fome, do caos, e do “outro”: o terrorista, o imigrante, o muçulmano, o degenerado, o homossexual, ou seja, de tudo aquilo que difere do padrão “normal” e que ameaça o curso normal da rotina diária por eles estabelecida. A maioria desses medos são produzidos, geralmente propagados pela mídia, instrumento com maior influência a nível coletivo.

E, por isso, em *V de Vingança* é possível perceber tão bem a dimensão do poder pelo medo e a propagação do medo pela mídia. É através do noticiário que o governo astuciosamente tenta distrair a atenção da população sobre as ações de nosso herói/vilão. Por exemplo, quando o palácio da justiça (o Old Bailey) é explodido, o noticiário nacional exhibe uma reportagem que reconta toda a ação de *V* e sua primeira tentativa de alcançar publicidade, como detalharei adiante, produzindo uma verdade alternativa para o fato, fornecendo uma explicação plausível (e confortante) para a população surpresa. Estratégia semelhante é usada quando o “terrorista” invade o prédio da BTN. Além disso, em várias oportunidades são veiculadas notícias divulgando possíveis ligações de “codinome V” com os atentados na estação de tratamento (Tree Waters), no metrô e na escola (St. Mary’s).

O filme *V de Vingança* começou a ser produzido em Março de 2005, pela Warner Bros. Porém, os irmãos Washowski já vinham trabalhando na adaptação do roteiro desde o final da produção da trilogia *Matrix*, pegando uma época politicamente conturbada (pós-11/09 e durante a guerra no Iraque). Por isso, também é possível enxergar claras referências ao contexto político e social no qual vive o mundo neste início de século. O filme conta com fortes críticas ao governo inglês e estadunidense (mais diretamente a este último, ao contrário da *graphic novel*, que critica mais diretamente o governo inglês), em fatores que mostram o clima de medo disseminado e a oferta de troca da liberdade pela segurança, bem como a contribuição da mídia para tal. Desde o 11 de Setembro termos como “guerra contra o terror” e “ameaça terrorista” têm sido extremamente corriqueiros, principalmente propagados pelos governos de George W. Bush e Tony Blair e alardeados pela mídia. Os orçamentos na área de

defesa, justificados pela “guerra contra o terror”, têm sido desde então altíssimos, mesmo que estudos discutam a idéia de que o terrorismo é muito mais um caso de polícia do que motivo para uma guerra, como pretende o governo americano<sup>25</sup>. O filme mostra como o medo está presente na sociedade, trabalhando na tentativa de manipulação popular, e como é disseminado, principalmente através de meios sutis, demonstrando o poder da mídia, da opressão e, principalmente, das palavras.

Em *V de Vingança* é possível explorar a fundo o caráter metafórico da história que em várias oportunidades foi adaptada de modo a associar conflitos sociais e as formas de governo do “mundo real”, principalmente de EUA e Inglaterra, às tiranias de um governo fascista e à alienação de um povo pela mídia, sugerindo freqüentemente, e de forma mais ou menos velada, as possibilidades de envolvimento dos “homens no poder” do mundo contemporâneo com as mesmas artimanhas e atrocidades com as quais estão envolvidos os poderosos do filme, nessa Londres futurista.

Assim, tento neste trabalho uma abordagem que procura identificar a presença do discurso sobre o poder do medo nesta trama, que se traduz, principalmente, no uso da mídia e da violência de forma a incitar este sentimento na população e, também, como a produção desse medo pelos governos nos próprios países pode levar a um grande aumento na popularidade de determinado grupo ou governante, levando-os ao poder e levando a população a legitimar as ações de políticos que prometem segurança em troca da liberdade.

---

<sup>25</sup> HOBBSAWM, Eric. “O terror”. In: *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 121-137.

### III

*“A voracidade envenenou a alma dos homens, envolveu o mundo num círculo de ódio e nos obrigou a entrar a passo de ganso na miséria e no sangue. Melhorou-se a velocidade, mas somos escravos dela. A mecanização, que traz a abundância, legou-nos o desejo. A nossa ciência nos tornou cínicos. A nossa inteligência nos tornou duros e brutais”.*

**Charles Chaplin**

O filme mal começa e temos na tela a imagem de Lewis Prothero, a voz de *Londres*. A primeira impressão que se tem é a de um televangelista fundamentalista, que culpa de antemão a situação dos Estados Unidos (ou “*Estados Ulcerados da Ánusmérica*”, como prefere chamar) à falta de fé. Um país que tinha tudo e se transformou numa “colônia de leprosos”. A fala é forte, altiva, convincente e confiante, como precisa ser a voz oficial do governo, a voz da “verdade”. O personagem é uma referência clara aos televangelistas que povoam as redes de TV na atualidade e ao poder de persuasão de certos jornalistas. Em outras palavras, como foi bem observado pelo crítico de cinema Pablo Villaça<sup>26</sup>, “é fácil perceber que o personagem é uma mistura clara entre o nojento Bill O’Reilly (da Fox News) e o ainda mais desprezível Jerry Falwell”, sendo este último um pastor cristão fundamentalista, um televangelista que de fato atribuiu os atentados de 11 de Setembro, como o nosso Lewis Prothero, à “perversão dos costumes, falta de fé e ao homossexualismo, entre outros”. E, de fato, logo o nosso apresentador dirige seu ataque às minorias, e não espanta que entre essas estejam muçulmanos e imigrantes, grupos que atualmente suscitam discussões bastante acaloradas. O filme já demonstra de cara que vai pisar no calo de muitos problemas sociais pelos quais vêm passando os países ditos desenvolvidos, com relação a discriminações em geral, principalmente desde os atentados de 11 de setembro de 2001, e com relação a “imigrantes, mulçumanos, homossexuais, terroristas, degenerados infectados”, como prossegue Prothero. “Eles tinham que morrer”, e o londrino deve saber que isto foi a coisa certa feita pelo governo<sup>27</sup>.

Tradicionalmente, os sujeitos históricos têm como arma para a conquista e manutenção do poder a criação de inimigos e guerras ideológicas, recriando heróis e

<sup>26</sup> Pablo Villaça é crítico de cinema e editor do site *Cinema em Cena*, sendo o único membro latino-americano da *Online Film Critics Society*.

<sup>27</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 02.

vilões, libertadores e demônios. Por diversas vezes, em várias épocas e locais, a natureza do poder sempre foi acompanhada da criação de um perfil de inimigos que pudessem dar à população a percepção da necessidade de recorrer a determinados governantes, mais justos e bondosos, e os motivos por que deveriam ajudá-los a derrotar o “inimigo”. É isto que faz o governo de Adam Sudler, ao usar dos meios à sua disposição para associar *V* às idéias de inimigo, terrorista, covarde, psicótico e assassino. Ele é mostrado como alguém que espalha mensagens de ódio e ameaça a vida de civis desarmados. Ou, como Lewis Prothero define mais tarde, “um homem não usa uma máscara. Um homem não ameaça civis inocentes. Todo terrorista odeia a liberdade e é um grande covarde”<sup>28</sup>. Do mesmo modo, muitos dos discursos atuais sobre terroristas apontam esse seu “ódio” à liberdade. Mas *V*, o “terrorista”, não odeia a liberdade. Pelo contrário, ele luta pra trazer a liberdade ao seu povo, mesmo que para isso utilize recursos que podem ser considerados detestáveis.

E o “homem-bomba” muçulmano? Será que ele odeia a liberdade? Será que ele luta pela liberdade? Aliás, de que tipo de liberdade fala Prothero e os porta-vozes do discurso político anti-terrorista? O que pode ser a liberdade para o governo totalitário da *nórdica chama*? Se para alguns, segurança é sinônimo de liberdade, para outros eles são conceitos completamente opostos. Para um Palestino, criar o “terror” em Israel, enfraquecendo o poder do Estado, pode significar a liberdade de seu povo e de sua fé, e o sacrifício de sua vida, a liberdade conquistada no paraíso, a libertação da morte. Pensar o terrorismo como um ataque que tem como objetivo final o fim da liberdade dos povos pode ser considerado uma grande ingenuidade. Se esta imagem correspondesse à realidade, o terrorismo, como o conhecemos hoje, não seria um fenômeno tão recente e a história da humanidade estaria recheada de atentados terroristas. O que acontece, ao contrário deste reducionismo do terrorismo à ação do “mal”, é que existe todo um enredo histórico que justifica o surgimento desta prática, que inclui – sem se resumir a isto – a forte intervenção externa pelas potências políticas, econômicas, militares ou religiosas.

A isso pode se acrescentar o desenvolvimento da convicção ideológica dominando os conflitos em geral, onde “a causa que se defende é tão justa, e a do adversário é tão terrível, que todos os meios para conquistar a vitória e evitar a derrota não só são válidos como necessários”, como observa Eric Hobsbawm. Este historiador

---

<sup>28</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 08.

conclui, portanto, que “a ascensão do megaterror no século passado não reflete ‘a banalidade do mal’, e sim a substituição dos conceitos morais por imperativos superiores”<sup>29</sup>.

Certamente, desde que começou a escrever a *Graphic Novel* de *V de vingança*, Alan Moore já pensava em denunciar a perseguição às minorias, como comentado anteriormente. Mas na história original não há referências a muçulmanos nem se dá tanta ênfase ao terrorismo, e nem sequer se fala em imigrantes. Neste aspecto as referências são bem atuais, já que nunca antes houve tão aberta discussão em torno da maneira como a população e o governo dos países ricos vêm tratando estes grupos. A referência a muçulmanos e terroristas é clara em relação às grandes discussões relativas aos dois grupos ultimamente, principalmente à associação que se faz entre a religião islâmica e os grupos terroristas após os atentados de 11 de Setembro de 2001. Esta data não marcou apenas os norte-americanos, mas toda a relação destes com as pessoas de credo islâmico. Apoiados pela imagem negativa propagada pela mídia mundial, os povos de ascendência árabe (e talvez semitas em geral) tornaram-se visados, principalmente nos Estados Unidos, tornando-se alvos constantes de preconceitos e perseguições.

Zygmunt Bauman nos fala de como a partir do momento em que grupos ou pessoas fazem coisas inconvenientes à busca individual de alguém pela felicidade, ou, no caso, à busca de um país pelo seu ideal de felicidade, costumamos associar aqueles que entram em nosso caminho ao conceito de “mal”. E daí nasce o medo, porque ele não está separado da idéia do mal, à qual associamos grupos ou indivíduos. Isso acaba por mostrar que a visão maniqueísta de mundo não é exclusiva ao mundo islâmico. O apelo a guerras santas contra “forças satânicas que ameaçam dominar o universo, a redução da caixa de Pandora dos conflitos econômicos, políticos e sociais à visão apocalíptica de um confronto final de vida ou morte entre o bem e o mal”, tornaram-se uma tendência global<sup>30</sup>. Assim, não é á toa que a falta de confiança no outro tenha se tornado preponderante no mundo contemporâneo, e o medo do “outro” um dos medos que mais afligem os seres humanos atualmente:

Podemos dizer que a variedade moderna de insegurança é marcada pelo medo principalmente da maleficência *humana* e dos malfeitores *humanos*. É desencadeada pela suspeita de motivos malévolos da parte de certos homens e

<sup>29</sup> HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. p. 127-128.

<sup>30</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*, p. 74 e 148.

mulheres específicos, ou mesmo grupos ou categorias específicos de homens e mulheres (...).

Exortados, instados e pressionados diariamente a perseguirem seus próprios interesses e satisfações, e a só se preocuparem com os interesses e satisfações dos outros na medida em que afetam os seus, os indivíduos modernos acreditam que os outros à sua volta são guiados por motivos igualmente egoístas – e portanto não podem esperar deles uma compaixão e uma solidariedade mais desinteressada do que eles próprios são aconselhados, treinados e dispostos a oferecer.<sup>31</sup>

Ainda no mesmo ponto, temos a referência de Prothero a “homossexuais” e “degenerados infectados”. É possível que haja no filme uma espécie de alerta para o preconceito e o fundamentalismo crescente na sociedade, na medida em que crescem também as conquistas políticas destas minorias. A referência aos “degenerados” parece indicar o preconceito com relação a pessoas portadoras do vírus HIV, que ainda sofrem preconceitos em grande parte do mundo, não obstante as tentativas de conscientização popular com relação à doença, apesar de parecer notável, entretanto, que desde o início do século as discussões a respeito do preconceito com pessoas infectadas com HIV ou outras DST’s tenham diminuído consideravelmente. Não creio que haja um estudo relativo a este fato, mas acredito que seja possível que as atenções tenham sido desviadas desde que o termo “terrorista” entrou em moda.

O caso dos homossexuais, por sua vez, é mais polêmico. Este grupo vem conquistando cada vez mais direitos em vários países nos últimos anos – como o direito ao casamento – o que vem acirrando os ânimos de diversos grupos, religiosos ou não, em contraposição a estes direitos. Um caso bastante recente e próximo reflete as consequências deste fato. Em 2007, em várias cidades, inclusive em Campina Grande, grupos cristãos de várias igrejas se organizaram para protestar contra a aprovação de uma nova lei brasileira condenando a homofobia, fato que se repetiu por todo Brasil e que se repete em todo o mundo, todos os anos.

Outro aspecto particularmente relevante no filme é que ele chama atenção para o crescente fundamentalismo religioso que vem tomando conta da mídia, e que já está enraizado nos Estados Unidos, não obstante uma maior conscientização social a respeito da alteridade, respeito às diferenças e direitos humanos. Assim como Lewis Prothero, grupos conservadores alertam o tempo todo contra os perigos da perversão dos costumes para o futuro da humanidade. “Não foi a guerra que iniciaram”, diz Prothero, referindo-se à “*Ânusmérica*”, “não foi a peste que criaram. Foi o juízo final. Ninguém

---

<sup>31</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*, p. 171-172.

escapa do seu passado. Ninguém escapa do juízo final”<sup>32</sup>. E, deste modo, um país inteiro aceita com resignação o fato de que foi necessário matar milhões de pessoas e, graças a isso, Deus olha pelo seu país e permite que a Inglaterra sobreviva a uma era de caos.

Devemos considerar que o fundamentalismo religioso também não é tão explícito na *graphic novel* de Alan Moore. E, de fato, na década de 1980 ainda não havia tantos televangelistas povoando os programas de TV, como nesse início de século. Nem mesmo o personagem Prothero (como imagem/símbolo de apresentadores arrogantes e moralistas) tem tanta relevância na história original. Apenas suas voz é usada para difundir as idéias do governo e ele não é associado a nenhum exemplo explícito de alguma personalidade existente no cotidiano do período. O Prothero do filme não só é um personagem influente como tem participação direta no governo, dono de uma fábrica de remédios e um dos maiores beneficiários dos jogos de poder que envolvem o governo. O já citado pastor Jerry Falwell (que veio a falecer em 2007), é tradicionalmente conhecido nos EUA como conselheiro de vários presidentes conservadores (dentre eles os Bush, pai e filho, Ronald Reagan e Richard Nixon).

Já a menção à relação entre pessoas no poder e grupos farmacêuticos, no filme, também parece ser uma menção a realidades concretas. E, mais uma vez, acaba pisando no calo do presidente dos Estados Unidos, quer tenha sido essa a intenção dos autores ou não. Isso porque a indústria farmacêutica consta dentre os grandes investimentos do grupo Carlyle, do qual o presidente americano é membro, junto com uma série de personalidades altamente influentes, como será discutido adiante. De qualquer forma, porém, a associação de poderosos com grupos farmacêuticos é um fato inquestionável no mundo contemporâneo. E, num mundo onde se mantém um nível de tensão constante entre a saúde e a doença, as redes de farmácia se tornaram um empreendimento com lucros exorbitantes e um mercado estável. Mas por quê? Caso houvesse uma extinção das doenças, ou ao menos uma diminuição drástica, este mercado instantaneamente iria à falência. Um investimento maior em prevenção de doenças, por exemplo, não é nenhuma utopia, e muito provavelmente geraria menos gastos dos que existem na busca por tratamentos de doenças que surgem dia após dia. A medicina oriental, por exemplo, investe há milênios em técnicas de prevenção de doenças, mais do que em remediação.

---

<sup>32</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 02.

Entretanto, o que se vê nos últimos anos é o aumento gradual dos casos de doenças análogo ou talvez maior que os avanços da medicina. Portanto, apesar de a maioria das pessoas terem uma grande confiança na eficácia da medicina ocidental, esta nunca parece extinguir as doenças mais banais. O preço dos remédios, por sua vez, continua crescendo. Fica claro que, por mais que se invista com a intenção de erradicar epidemias, como a dengue no Brasil (que, vale lembrar, continua com suas crises anuais), as pequenas doenças continuam a atingir milhões de pessoas por dia. Um exemplo típico e próximo são os freqüentes (até demais) surtos de viroses que se espalham anualmente pelas cidades. As gripes e enxaquecas também são doenças comuns e freqüentes, além dos processos alérgicos em geral (é difícil encontrar alguém que não seja alérgico a qualquer coisa). É de se estranhar, entretanto, que uma medicina considerada tão avançada não consiga erradicar doenças tão simples.

Em que será, então, que os irmãos Washowski pensavam ao indicar, no filme, que os vírus responsáveis pela morte de milhões na cidade de Londres foram espalhados não por extremistas religiosos, mas pelo próprio governo? Não chega a ser totalmente irreal, por exemplo, a possibilidade de que doenças cotidianas, como a gripe, sejam espalhadas deliberadamente, de alguma forma, tornando-se incontroláveis. Por mais que tal hipótese pareça absurda para um cidadão “comum”, há de se considerar a atração dos produtores do filme por “teorias da conspiração”. Afinal, que tipo de mente teria a audácia de produzir um filme, cinco anos após os atentados terroristas ao World Trade Center, onde um terrorista calculista e violento aparece como o “salvador da pátria” após destruir completamente o sistema de governo vigente? Além disso, o filme está recheado de referências, sutis ou não, a formas atroz de utilização das ferramentas de controle popular pelo governo como uma clara alusão às possibilidades de utilização das mesmas como uma possibilidade real. Vale lembrar, ainda, que o filme *Matrix*, escrito pelos mesmos irmãos Washowski, trata fundamentalmente de uma realidade hipotética, mas não totalmente fictícia, e há quem de fato acredite nela. Uma coisa é inegável: Andy e Larry Washowski têm uma imaginação e tanto.

Seguindo deste mesmo ponto do filme (que mais uma vez demonstra a queda dos escritores por teorias da conspiração para o poder) temos o caso, já citado, do envolvimento de Lewis Prothero, um dos mais eminentes membros do partido, com uma rede farmacêutica que obteve lucros exorbitantes após os “atentados” biológicos anos antes. *A nórdica chama* espalhou o veneno e ofereceu o antídoto, espalhou o medo e ofereceu a segurança. Até que ponto os nossos governos não fazem o mesmo? Até que

ponto as indústrias farmacêuticas contribuem para que pequenas doenças se espalhem pela população, e para que pequenos gastos de milhões de pessoas com alguns remédios contribuam para torná-las multimilionárias? E até que ponto indústrias com tal poderio econômico interferem direta ou indiretamente nas medidas governamentais que são adotadas no congresso e que nos afetam diretamente sem que percebamos?

Durante o último século a ciência, criada com o intuito de melhorar as condições de vida no planeta, chegou ao ponto de ficar à mercê dos poderosos, tornando-se incapaz de associar a responsabilidade pelos seres humanos e o meio ambiente aos interesses das grandes corporações. Segundo Nicolau Sevcenko, estas grandes corporações “escaparam do controle de órgãos reguladores e dos grupos de pressão da sociedade civil”, alcançando uma condição privilegiada ao escapar ao controle do Estado e às demandas da sociedade, tornando-se “o principal agente indutor das políticas de ciência e tecnologia”. As universidades e os institutos de pesquisa, por sua vez privados do financiamento público, encontraram nas grandes empresas a alternativa de financiamento às suas pesquisas, o que as levou a se tornarem entidades que tem como fim o lucro de uns poucos acionistas das empresas patrocinadoras. Sevcenko desvela a triste realidade:

Se algum cientista isolado ou algum grupo independente revela que determinado produto ou procedimento é nocivo para o ambiente ou os seres humanos, as grandes corporações dispõem logo dos recursos necessários para financiar estudos na direção oposta, desmoralizando os cientistas autônomos e desqualificando os resultados de suas experiências. Além, é claro, de tirar todo o proveito de seu vultoso potencial econômico para gastar generosamente em publicidade e negociar o apoio de setores significativos da imprensa e das instituições políticas e científicas. Uma vez mais, é um duelo desigual, como sempre será.<sup>33</sup>

O autor observa ainda que, com as medidas de liberalização econômica da década de 1970 e o nascimento da “era da globalização”, as grandes multinacionais teriam encontrado “o campo fértil e ideal para a sua difusão sistemática por todo o mundo”. E foi neste contexto que:

...se produziu uma alteração drástica de todo o quadro da economia mundial. Por um lado, a possibilidade de multiplicar filiais de suas empresas nos mais diversos pontos do planeta proporcionou às grandes corporações um enorme poder de barganha, impondo, aos governos interessados em receber seus

<sup>33</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p. 101. Temos, por exemplo, o caso do Dr. Arpad Pusztal, forçado a se aposentar após descobrir efeitos colaterais em ratos alimentados com comida geneticamente modificada.

investimentos e respectivos postos de trabalho, um amplo cardápio de vantagens, favores, isenções e garantias que praticamente tornava os Estados e as sociedades reféns dos poderosos conglomerados multinacionais.<sup>34</sup>

Zygmunt Bauman, em “O Medo Líquido”, chama atenção para o fato de que se construiu uma sociedade que proclama uma vida que pensa o medo como algo tolerável, por seu caráter efêmero e prematuro, já que um medo dura até que outro mais “forte” e “atual” tome seu lugar. Torna-se assim, uma sociedade de infortúnios iminentes, constantemente proclamados, mas que poucas vezes tornam-se concretos. E é neste sistema, de uma nova ordem econômica que privilegia o consumo, que “muitos medos entram em nossa vida juntamente com os remédios sobre os quais muitas vezes você ouviu falar antes de ser atemorizado pelos males que estes prometem remediar”<sup>35</sup>.

Isso ocorre porque uma nova ordem econômica de algum modo tomou o lugar do Estado, se apoderou dele ou, pelo menos, conquistou uma influência significativa sobre ele. Para Bauman, a economia aprisiona qualquer tipo de organização estatal que venha de fora da própria lógica “auto-suficiente” da economia. O Estado não é mais capaz de cumprir a promessa de fornecer o “*bem-estar social*”. Não se pode mais falar dos poderosos no governo ou de um Estado forte, mas sim de uma nova ordem mundial governada pela economia global. E, mais que isso, os mercados atuam numa direção contrária aos fins deste “Estado social”, que deveria garantir a segurança da população, mas, pelo contrário, o mercado necessita da condição de insegurança para prosperar, “ele aproveita os medos e o sentimento de desamparo dos seres humanos”<sup>36</sup>.

Pois o medo está presente na “alma” de cada cidadão contemporâneo e, submersos que estamos em um mar de insegurança e ansiedade, mal nos damos conta de tal processo. Enquanto a recente ebulição social criou um vazio generalizado na vida de grande parte da população, as pessoas foram (e vêm sendo) constantemente bombardeadas pela propaganda, inseridas que estão, até o pescoço, quer queiram ou não, em um modo de vida consumista. O consumismo se tornou, segundo Sevcenko, “a terapia por excelência para aliviar o mal-estar gerado pela própria essência desse sistema, centrado no mercado e não nos valores humanos”<sup>37</sup>. E o medo ajuda os produtos a serem vendidos. As novas técnicas publicitárias conseguiram intensificar “sua capacidade de gerar apelos sensuais e sensoriais, associados a fantasias que

<sup>34</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p. 28.

<sup>35</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*, p. 14.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>37</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p. 88.

envolvem desejos de poder, posse, preponderância, energia, vitalidade, saúde, beleza e juventude eterna”. E ainda:

Essas pressões consumistas, intensificadas pelas estratégias publicitárias, se tornam assim a força motriz a multiplicar os anseios presentistas, tanto no plano econômico como no político, o que acarreta uma convergência cada vez maior entre os interesses e modos de ação das empresas e dos grupos políticos, que passam a tratar a sociedade civil sobretudo como mercado consumidor de mercadorias e serviços.<sup>38</sup>

Assim, para que se venda a juventude eterna é preciso que haja o medo da velhice, e para isso existem, por exemplo, as cirurgias plásticas, o botox e os cremes anti-rugas; para que se venda a beleza é preciso que haja o medo da feiúra, e, “ainda bem”, investe-se milhões nesta área (produtos diversos para o cabelo, unhas e pele, roupas sob medida, Spa’s e academias de ginástica e musculação, lentes de contato e maquiagem, entre muitos, muitos outros); para que se venda a saúde é preciso que haja o medo da doença e da morte (e a indústria farmacêutica agradece); para que se venda o poder – ou a ilusão do poder – é preciso que haja o medo da submissão; para que se venda a vitalidade e a energia (seja em pó, em garrafa ou em pequenas pílulas) é preciso que haja o medo da apatia, do estresse, de não acompanhar o ritmo acelerado do cotidiano – e não esqueçamos dos automóveis e jatos comerciais, dos serviços pela internet, dos cartões de crédito, da comida congelada e muitos outros “dispositivos” que nos ajudam a poupar o nosso tempo, o mais precioso bem do mundo atual.

E para que se vendam todos os demais elementos formadores da personagem (isto é, aquilo que erroneamente chamamos “personalidade”, que deixou de existir a partir do momento em que vigora a máxima “somos o que parecemos”), é preciso que haja o medo da morte do indivíduo, ou seja, o medo de não ser reconhecido como ser existente, vivo, o que pode se chamar síndrome da fama, e que vai além do que conhecemos como o desejo de ser uma celebridade, mas abarca o simples desejo de ser reconhecido, seja como a mulher de setenta que aparenta cinquenta, o velho que “se cuida”, o jovem galanteador ou a linda jovem de cabelos lisos e pele impecável (e devidamente siliconada), entre inúmeros outros estereótipos criados para que cada um, em nossa sociedade, possa se inserir e se sentir, enfim, um indivíduo.

E assim, o medo se tornou, por excelência, o grande “mestre” do universo. Sem ele, o mundo em que vivemos não seria tal como é. A tecnologia não seria a mesma,

<sup>38</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p.47-48.

visto que o grande impulso em seu desenvolvimento se deveu à disputa entre as superpotências na Segunda Guerra Mundial e, principalmente, durante a Guerra Fria, na conhecida corrida armamentista. “Se o primeiro grande impulso para a transformação dos recursos produtivos foi a Revolução Científico-Tecnológica”, como coloca Sevcenko, “o segundo surto foi catalisado pela corrida voltada para a produção e a sofisticação dos equipamentos, desencadeadas pela Segunda Guerra Mundial”. E foi nesse contexto que se desenvolveram novas tecnologias como a propulsão a jato, a energia nuclear e a cibernética, além de “novas famílias de plásticos, polímeros e cadeias orgânicas”<sup>39</sup>.

O neoliberalismo tampouco teria se desenvolvido sem o medo. Seu próprio surgimento se deve, em muito, à ameaça totalitarista, o medo de cair em tal regime. A própria Margaret Thatcher muito se utilizou em seu discurso para a legitimação do “Estado mínimo”, da ameaça de que o Estado “social”, com seus cuidados excessivos, acabasse por recair em um totalitarismo. O modo de vida consumista, por sua vez, que sustenta esse modelo, como já foi explicitado, não respira sem o medo. O sistema econômico provavelmente teria entrado em colapso, não fossem os grandes impulsores do consumismo global: a ansiedade, a angústia e o sentimento de insegurança, que nada mais são que o próprio medo em diferentes formas.

Esta ordem social às avessas sobrevive porque se acredita que há uma ordem por trás dela, e que vivemos uma democracia, assim como os Londrinos de *V de Vingança* acreditam com todo entusiasmo que o fascismo é a única solução para seu país. Assim como a economia global, esse governo fascista necessita do sentimento de medo e insegurança para prevalecer. E é aí que entra um instrumento de eficácia incontestável: a palavra. E o poder da palavra é, de forma impetuosa, utilizado como um instrumento impecável de disseminação do medo e, ao mesmo tempo, da sensação de segurança através da confiança no governo. A palavra desmente o poder de observação. Tal como Adolf Hitler, é através da palavra que o partido mantém o apoio popular, e esse apoio deve ser mantido a qualquer custo. Para isto existem “especialistas” como Roger Dascomb, da BTN, que utiliza as formas mais engenhosas possíveis para inverter situações extremamente desfavoráveis com relação à imagem do governo perante o povo. A BTN é uma rede de televisão a serviço do poder e não é somente através da *voz de Londres* que este poder é usado. É através do noticiário que o governo

---

<sup>39</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p. 25.

astuciosamente tenta distrair a atenção da população sobre as ações de nosso herói/vilão. Indo a um exemplo mais direto, é possível ver o funcionamento desta inversão de posições.

Como dito anteriormente, *V* destrói o Old Bailey, o prédio e a estátua da justiça, um dos monumentos símbolo da história da Inglaterra. Quatro horas depois o alto-chanceler Adam Sudler convoca reunião extraordinária para analisar as soluções até então encontradas pelos especialistas do governo, isto é, os respectivos chefes do *Olho, Nariz, Ouvido, Boca e Dedo*. E logo se chega a um consenso. Primeiro, divulga-se pela internet e televisão a notícia do desmoronamento de emergência do prédio, seguido de relatos de especialistas sobre a estrutura precária do *Old Bailey*. A sugestão seguinte vem do próprio chanceler: “Prothero falará esta noite sobre o perigo dos prédios antigos e sugerirá esquecer os prédios de um passado decadente. O *Novo Bailey* será o símbolo do nosso tempo e o futuro que nossas convicções nos propiciam”. Depois demonstra seu grande conhecimento sobre o poder da convicção ao alertar seus subordinados para o fato de que “momentos como estes são questão de fé” e a falha poderá “semear a dúvida em tudo aquilo em que acreditamos, em tudo aquilo por que lutamos” e que “a dúvida mergulhará o país de novo no caos, e não permitirei isso”. Por fim, o noticiário nacional da BTN anuncia alegre e naturalmente que o governo deu ao velho prédio uma demolição em grande estilo, não obstante a música e os fogos de artifícios não programados. A lógica aqui pode ser resumida na resposta dada por Dascomb quando questionado se achava que as pessoas iriam acreditar naquela notícia. Ele responde de forma simples: “Esta é a BTN. Nosso trabalho é divulgar notícias, não inventá-las”. E, assim, inverte-se de maneira excepcional um quadro desfavorável.<sup>40</sup>

Posteriormente, com a morte de Prothero, temos mais um exemplo desta forma de produção da memória. Dascomb se mostra preocupado: “a perda da *voz de Londres* pode arrasar nossa credibilidade”. Ele sabe que *V* deseja alcançar a publicidade, e adota a atitude mais lógica diante disso. Não é divulgado o assassinato de Prothero, mas sua “morte silenciosa e digna enquanto dormia”<sup>41</sup>. O filme, enquanto mostra a atitude de evitar que as ações do terrorista alcancem a mídia, evitando assim atingir a credibilidade do governo, acaba por dar vazão a um grande paradoxo atual: por que o governo norte americano não se utiliza da mesma tática, como é a atitude tradicionalmente adotada

---

<sup>40</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 04.

<sup>41</sup> *Ibidem*, cap. 08.

pelos governos, e, pelo contrário, fornece ao terrorismo, desde o 11 de Setembro, mais publicidade do que nunca? Isso será discutido adiante.

Estes trechos do filme citados acima mostram a lógica da produção da memória através da mídia, fato tão freqüente quanto imperceptível pela maior parte da população. Mas *V* utiliza-se do mesmo instrumento. Ele tenta produzir a memória com os meios que possui, através de seus próprios símbolos. Um desses meios é a disposição dos fogos de maneira que as luzes formam a letra “V” no céu. A outra, mais estratégica, é a música. Enquanto explode o *Old Bailey*, *V* faz tocar pelos alto-falantes a *abertura 1812*, do russo Pyotr Ilyich Tchaikovsky. Pela admiração de Evey e outras pessoas ao escutar a música, percebe-se que esta é de algum modo censurada pelo governo. A *abertura 1812* é uma obra de caráter fortemente nacionalista, composta em 1880, comemorando o fracasso da invasão napoleônica à Rússia. A composição se baseia num antagonismo entre a inicial vitória francesa e a posterior revanche russa. É provável que os irmãos Washowski tenham pensado na música como um símbolo da revanche, ou vingança, planejada por *V* contra o governo que destruiu seu país. Além disso, o aspecto nacionalista mostra também o ideal de luta do herói para salvar sua nação. Adam Sudler, o auto-chanceler, conhece o poder dos símbolos e ordena a imediata proibição da canção.

Mais uma vez a história do filme não está dissociada do contexto histórico, e outra vez isso é feito propositalmente pelos escritores. No documentário *Tiros em Columbine* (2002)<sup>42</sup>, Michael Moore (criador do documentário *Fahrenheit - 11/09*) já alertava sobre o poder da mídia, principalmente do telejornalismo, a serviço do medo. Moore tenta chamar atenção para uma prática comum nos telejornais: a seleção sistemática das notícias onde predomina a violência e aquelas que contribuem para a disseminação de um sentimento de insegurança, enquanto que durante os comerciais são oferecidos produtos destinados a amenizar este sentimento. No Brasil, por exemplo, carros com alarme, trava elétrica e vidro blindado têm virado moda nos últimos anos, bem como muros com rede elétrica nas casas, sem contar com a preferência dada cada vez mais a condomínios fechados em detrimento das casas convencionais. Sem dúvida os lucros das empresas responsáveis por tais áreas aumentaram consideravelmente nos últimos anos.

---

<sup>42</sup> *Tiros em Columbine* (2002). Michael Moore. EUA.

Um outro exemplo patente se refere aos Estados Unidos da América, onde o número de cidadãos que possuem armas de fogo já é alarmante há anos e continua aumentando, impulsionado pela insegurança cada vez maior da população. A maioria dos cidadãos norte-americanos tem plena convicção da necessidade de se armar para manter sua segurança, mesmo que os números mostrem que este é o país com o maior número de mortes por armas de fogo no mundo, com números inimagináveis. Fato semelhante ocorre no Brasil. O fato de a população ter votado, em um referendo nacional, contra o desarmamento da população talvez reflita a filosofia contemporânea de abominação da idéia de “não ter como se defender sozinho”, já que o governo não é capaz de fazê-lo. É fato, entretanto, que grande parte da violência atual se torna possível pela maior oferta e disponibilidade de armas ao alcance de pessoas e grupos privados, não só neste país, mas a nível mundial.

Ainda nos EUA, temos um fenômeno singular. A idéia de que as pessoas precisam de armas para garantir a “segurança” é em muito divulgada pela propaganda aberta das mais “sensacionais” armas. Além dos filmes, claro! Se repararmos bem, raros são os filmes americanos que não apresentam imagens de armas e cenas de tiroteio (*V de Vingança* não é uma exceção, apesar de nosso protagonista se defender unicamente com suas “facas e seus golpes de Karate”). Então, somemos a isto o fato de que desde o início do século a indústria armamentista é uma das principais impulsionadoras da economia deste país. Então o que poderia significar o desarmamento da população para esse setor e para a economia do país como um todo? Aqui Eric Hobsbawm alerta para o fato de que a indústria armamentista é a principal compensadora da vulnerabilidade econômica dos Estados Unidos, que basicamente importa quantidades enormes de manufatura de todo o mundo, o que a torna bastante dependente do mercado internacional<sup>43</sup>.

Existe ainda, um outro fator de extrema importância que deve ser observado. Como sugere Zygmunt Bauman, ao seguir o discurso de Débora Orr, é preciso considerar com seriedade a “hipótese de que haja poderosos interesses comerciais contribuindo para instigar o pavor ao terrorismo”. Enquanto o combate ao terrorismo acaba por aumentá-lo, nada se faz para “combater a proliferação mundial do comércio de armas leves”, frequentemente apontados por entidades internacionais como “as verdadeiras armas de destruição em massa, já que matam meio milhão de pessoas a cada ano”. Enquanto isso, “os lucros obtidos por produtores e comerciantes americanos de

---

<sup>43</sup> HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*, p. 156.

‘objetos e dispositivos de autodefesa’ a partir dos medos populares” têm tido grande visibilidade.<sup>44</sup>

Entretanto, não é de se admirar que estas pessoas ajam assim, afinal a segurança é um dos estados mais almejados pelo ser humano, desde o início de sua existência. E, na nova lógica global em que estamos inseridos, que proclama que os problemas construídos socialmente sejam solucionados de forma individual, a autodefesa acaba se tornando, para estas pessoas, o único meio visível de solução deste problema (isto é, o único meio que é *mostrado* como solução, pela mídia ou por qualquer outro meio, pois é característico do ser humano esperar por soluções prontas). Este sistema encoraja a concentração na segurança individual, em um mundo marcado pela incerteza e pela imprevisibilidade, e poucos indivíduos têm consciência de serem “produtos” da sociedade em que estão inseridos, julgando natural agir de acordo com motivações engendradas de forma imperceptível pela ordem social vigente.

---

<sup>44</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*, p. 196.

## IV

*“... Faremos casas de medo, duros tijolos de medo, medrosos caules, repuxos. Ruas só de medo, e calma. E com asas de prudência, com resplendores covardes, atingiremos o cimo de nossa cauta subida. O medo, com sua física, tanto produz: carcereiros, edifícios, escritores, este poema, outras vidas. Tenhamos o maior pavor. Os mais velhos compreendem. O medo cristalizou-os. Estátuas sábias, adeus (...). Nossos filhos tão felizes... fiéis herdeiros do medo, eles povoam a cidade. Depois da cidade o mundo. Depois do mundo, as estrelas, dançando o baile do medo.”*

**Carlos Drummond de Andrade**

Como foi dito, temos no filme o uso sistemático dos símbolos pelo nosso protagonista, utilizando-se da mídia e do poder da palavra. *V* conhece o poder dos símbolos. Quando Evey lhe pergunta se ele acha que destruir o prédio do parlamento vai tornar o país melhor ele responde: “o prédio é um símbolo, assim como o ato de destruí-lo. O poder dos símbolos emana do povo. Sozinho, um símbolo não tem valor, mas com gente suficiente explodir um prédio pode mudar o mundo”<sup>45</sup>. *V* sabe que o único jeito de reverter essa situação é se utilizando dos mesmos meios que o governo. Por isso, com o corpo coberto de explosivos, ele invade a Torre Jordan, sede da BTN, e obtém acesso ao canal de emergência. Daí em diante não importa o esforço da polícia, sua mensagem já está sendo veiculada em cadeia nacional.

Boa noite, Londres. Primeiro, desculpem a interrupção. Eu, como muitos de vocês, aprecio os confortos do dia-a-dia, a segurança do familiar, a tranquilidade da rotina. Gosto disso como todo mundo. Mas no espírito da comemoração em que eventos do passado associados à morte de alguém ou ao fim de uma luta terrível são comemorados com um belo feriado, pensei em marcar este 5 de Novembro, um dia que, infelizmente, já foi esquecido, aproveitando um pouco do tempo de vocês para bater um papo. Há aqueles que não querem que falemos. Desconfio que estejam dando ordens ao telefone e homens armados virão logo. Por quê? O governo pode usar violência em vez do diálogo, mas as palavras sempre manterão seu poder. As palavras oferecem um significado e, para aqueles que a ouvem, a enunciação da verdade. E a verdade é que há algo terrivelmente errado com o país. Crueldade e injustiça, intolerância e opressão. Se antes você tinha liberdade de se opor, pensar e falar quando quisesse agora você tem sensores e câmeras obrigando-o a se submeter. Como isso aconteceu? Quem é o culpado? Há alguns mais responsáveis que outros e eles vão arcar com as conseqüências. Mas, verdade seja dita, se procuram culpados basta vocês se olharem no espelho. Eu sei por que vocês fizeram isso. Sei que tinham medo. Quem não teria? Guerra, terror,

<sup>45</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 08.

doença. Uma série de problemas se juntaram para corromper sua razão e afetar seu bom senso. O medo dominou vocês e vocês recorreram ao novo alto chanceler, Adam Sudler. Ele prometeu ordem. Prometeu paz. Tudo que ele pediu em troca foi seu consentimento silencioso. Ontem, tentei dar fim ao silêncio. Ontem, eu destruí o *Old Bailey* para lembrar ao país o que foi esquecido. Há 400 anos um grande cidadão quis gravar o 05 de novembro para sempre em nossa memória. Ele queria lembrar ao mundo que imparcialidade, justiça, liberdade são mais que palavras. São perspectivas. Então, se vocês não viram nada, se desconhecem os crimes deste governo, sugiro que deixem o 05 de novembro passar em branco. Mas se vocês vêem o que eu vejo, se sentem o que eu sinto e se buscam o que eu busco, peço que estejam ao meu lado, daqui a um ano, na entrada do parlamento, e juntos daremos a eles um 05 de novembro que nunca, jamais será esquecido.<sup>46</sup>

Esta é uma das passagens chave do filme, e é possível extrair dela um pouco da intenção dos criadores de *V de Vingança*. Temos, por exemplo, a seguinte declaração de V: “se antes você tinha liberdade de se opor, pensar e falar quando quisesse agora você tem sensores e câmeras obrigando-o a se submeter”. Tal afirmação parece remeter à constante evolução das técnicas de vigilância e controle que prometem trazer uma maior segurança para a população, mas que ameaçam transformar o mundo em um *reality show*. Por mais que não haja uma censura específica nas nações ocidentais com relação à liberdade de se opor, falar e pensar existe um movimento contínuo de controle social onde a capacidade tecnológica possibilita uma observação muito maior dos habitantes pelas autoridades públicas, até mesmo através de câmeras de circuito fechado.

A sensação de insegurança faz com que os governos tomem medidas de controle da população e isto aos poucos nos leva a uma sociedade cada vez mais vigiada. Bauman nos fala, por exemplo, do efeito colateral da guerra de impor limites às liberdades pessoais, referindo-se ao “longo inventário de leis limitadoras das liberdades humanas”, “já aprovadas na Grã-Bretanha sob a rubrica de legislação antiterrorista”<sup>47</sup>. Chegaremos ao ponto de admitir, em nome da segurança, a implantação de um sistema de vigilância e controle tal qual essa sociedade concebida por Alan Moore ou, num caso mais extremo, como o mundo imaginado por Orwell em *1984*?

Depois, V nos fala de “guerra, terror, doença” e de uma série de problemas que “se juntaram para corromper sua razão e afetar seu bom senso”. As palavras, “guerra”, “terror” e “doença”, se tornaram extremamente comuns no mundo contemporâneo e, para os americanos, as duas primeiras adquiriram um significado especial nos últimos anos, já que a guerra e o terror (um medo extremo produzido pelo governo, através da imprensa, de ameaças praticamente abstratas) estão presentes com grande intensidade.

<sup>46</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 05.

<sup>47</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*, p. 196.

E, de fato, parece que essa série de problemas veio a corromper a razão e o bom senso do povo estadunidense, que acabou se abatendo por problemas que não existem nas dimensões em que são disseminados. De algum modo, o governo proclamou uma guerra que não existe utilizando-se de uma “retórica política a respeito dos perigos terríveis e desconhecidos” e de “inimigos externos mal definidos”. Como observa Hobsawm:

Trata-se de uma retórica que visa mais arrepiar os cabelos dos cidadãos do que enfrentar o terror – com objetivos que deixa a vocês a tarefa de identificar, pois arrepiar os cabelos e criar o pânico é exatamente o que os terroristas querem fazer. O objetivo político deles não é atingido pelo ato de matar, e sim pela publicidade dada aos seus atos, que quebra a moral dos cidadãos. Na época em que a Grã-Bretanha tinha um problema terrorista real e contínuo, ou seja, as operações do IRA, a regra fundamental seguida pelas autoridades encarregadas da luta contra o terror era, tanto quanto possível, não dar nenhuma publicidade aos atos de terror e não anunciar as contramedidas a serem tomadas.<sup>48</sup>

O grande objetivo do terrorismo é alcançar a mídia, tornando públicas suas ações e espalhando, dessa forma, o medo. Negar, portanto, a publicidade a esses grupos é a decisão mais coerente a ser tomada pelos governantes, como era a atitude comumente tomada até bem pouco tempo. Torna-se, então, contraditória a ação do governo norte-americano de dar publicidade a tais ações, espalhando o medo pela população ao invés de tomar medidas realmente efetivas contra esses grupos. Portanto:

É compreensível que esses movimentos criem grande nervosismo entre as pessoas comuns, sobretudo nas metrópoles do Ocidente e especialmente quando os governos e a imprensa se empenham em gerar um clima de medo, para alcançar seus próprios propósitos, e dão publicidade máxima às ações. (...). Trata-se de um clima de medo irracional. A política atual dos Estados Unidos tenta reviver os terrores apocalípticos da Guerra Fria, quando já não lhe é plausível inventar “inimigos” para legitimar a expansão e o emprego do seu poder global. Repito aqui que os perigos da “guerra contra o terror” não provêm dos homens-bomba muçulmanos.<sup>49</sup>

O governo Bush, em grande medida, criou o inimigo e prometeu acabar com ele. Após o 11 de setembro a popularidade de Bush chegou a níveis surpreendentes para um governante de certa forma impopular. O povo recorreu a Bush, assim como os ingleses do filme “recorreram ao novo alto chanceler, Adam Sudler”. Como o chanceler, Bush prometeu ordem e paz, e “tudo que ele pediu em troca foi seu consentimento

<sup>48</sup> HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*, p. 149.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 136.

silencioso”, isto é, o apoio popular que necessitava para invadir o Iraque, já que o apoio internacional lhe foi negado.

V também quis lembrar que “imparcialidade, justiça e liberdade são mais que palavras”. Talvez uma crítica à maneira arbitrária como os americanos historicamente usaram essas palavras – assim como o termo “democracia” – para justificar suas ações e criar a imagem messiânica de um povo destinado a levar tais perspectivas ao resto do mundo.

Ao passar essas mensagens, a pretensão de V era a mesma de qualquer terrorista: alcançar a publicidade. Mas não é só isso: ele também consegue abalar a credibilidade da mídia e sua intenção não é somente espalhar o terror, mas criar um sentimento de esperança. O que se vê, então, são pessoas confusas, que, mesmo sem acreditar completamente nas palavras do “terrorista”, já não têm tanta certeza sobre em que acreditar. A mídia ainda tenta mais uma ação de produção da memória, forjando um vídeo que será exibido no noticiário mostrando a morte do “terrorista” numa “heróica” ação dos policiais. Para o governo, pouco importa o que aconteceu “realmente”. O que realmente importa é o que as pessoas acreditam que aconteceu. E, para muitas pessoas, o que importa é acreditar naquilo que convém e, certamente, para muitas delas é preferível serem enganadas a correr o risco de descobrirem o que acontece quando agentes do governo lhes colocam um saco preto na cabeça.

Além disso, é conveniente para essas pessoas não se importar com as atrocidades do governo pelo fato de não serem elas as vítimas diretas. Todos sabiam das injustiças cometidas contra as minorias nessa Inglaterra pós-guerra, mas esses que sobreviveram e que vivem então na “segurança do familiar” não são “homossexuais, muçulmanos, imigrantes ou degenerados infectados”. É horrível o que aconteceu a essas pessoas, mas por que se arriscar a questionar as ações do governo quando essas não lhe atingiram diretamente? Portanto, se muitos desses londrinos simplesmente concordam que foi melhor para todos a “limpeza étnica” proporcionada pelo governo e o massacre de milhões de pessoas, aqueles que não concordam, da mesma forma, não o dizem, por medo de passar a *estar* entre aqueles que *não estão* mais.

Assim, neste mundo os cidadãos acabam aprisionados pelo medo, após conviver com este sentimento por tempo prolongado, o que os torna incapaz de compreender até que ponto suas ações são engendradas por medo ou pelo desejo sincero de colaborar com o governo. Aqui, Bauman observa bem a capacidade aprisionadora do medo, pelo fato de ele adquirir a autopropulsão, com relação ao que ele chama de “medo derivado”,

isto é, o medo social, culturalmente construído, possibilitado pelo “sentimento de ser suscetível ao perigo”. Assim:

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão.<sup>50</sup>

Nesses aspectos do filme expostos acima, vemos vários elementos aparentemente colocados de forma intencional pelos irmãos Washowski. Além dos pontos já citados acima, temos a clara referência ao poder da mídia, que pode ser resumido nesta fala de V: “O governo pode usar violência em vez do diálogo, mas as palavras sempre manterão seu poder. As palavras oferecem um significado e, para aqueles que ouvem, a enunciação da verdade”. Isso nos possibilita pensar no quanto os governos investem em melhorar sua imagem, o que não acontece utilizando a violência. O governo que se vale da violência para o poder é considerado antidemocrático e naturalmente não é aprovado pelo povo. Aqueles governos realmente aclamados são os que fazem as pessoas acreditar que estão a serviço do povo ou de um ideal maior.

Certamente o exemplo mais claro que podemos ter como referência é o da Alemanha nazista, onde as palavras de um homem puderam trazer em direção a seus ideais uma nação inteira. Mas muitos são os governos que se utilizam deste poder das palavras. E a “alfinetada” do filme é, provavelmente, a um fato mais recente que aconteceu nos Estados Unidos: a divulgação dos “relatórios” sobre a presença de armas de destruição em massa no Iraque, o que também ajudou o governo a conseguir apoio popular para a invasão do país, não obstante a procura por tais armas encobrirem a busca de alguns interesses mais práticos. Entre eles, o mais claro (ou o menos obscuro) é a busca por Petróleo.

É importante lembrar, aqui, que o vice-presidente dos Estados Unidos da América, Dick Cheney, já foi presidente da Halliburton, uma das maiores empresas de serviços para campos petrolíferos do mundo, além de ser prestadora de serviços voltados para logística de *operações militares*. Vale salientar também que a empresa teve, em 2003, com os contratos militares obtidos para atuar no Oriente Médio, um aumento de 30% na receita (chegando a US\$ 16 bilhões), enquanto em 2004 esse número aumentou para 80% somente no primeiro trimestre, segundo as informações da

---

<sup>50</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*, p. 09.

Folha Online<sup>51</sup>. Há também o grupo Carlyle, anteriormente citado, que é uma companhia de investimentos privados, da qual o presidente George W. Bush é membro, junto com seu pai e mais um conjunto de personalidades politicamente influentes (entre eles, membros da família Bin Laden). Este grupo investe em indústrias de diversos tipos, entre elas companhias petrolíferas, laboratórios farmacêuticos e empresas de segurança, entre outras. Existe ainda o histórico dos Bush em envolvimento com grandes empresas (principalmente ligadas ao Petróleo, como a Harken Energy), que recende ao governo de Ronald Reagan, quando Bush, pai, era vice-presidente e diretor da CIA. Soma-se a isso a antiga relação da família com Saddam Hussein, como coloca Paul Krugman, do *The New York Times*, ao falar de Bush pai:

Para mim... a história mais impressionante é sua versão do “Irangate”. Nesses escândalos, há muito acobertado, funcionários do governo Reagan e do governo Bush pai não só forneceram armas a Saddam Hussein como fecharam os olhos ao uso feito por eles de armas químicas e mais tarde sinalizaram claramente que não se incomodariam caso ele ocupasse parte do Kuwait, sinal que Saddam interpretou como licença para tomar todo o país. A história lança uma luz irônica sobre os esforços de alguns desses funcionários, sobretudo Donald Rumsfeld, para justificar retroativamente a invasão do Iraque, em 2003, como uma ação de defesa dos direitos humanos e da democracia.<sup>52</sup>

Além disso, temos ainda uma outra forma clara de utilização da mídia por este país. Trata-se da disseminação pelo mundo (que se deu principalmente através do cinema) da crença no “destino manifesto” americano, a imagem messiânica do país, que leva a democracia a toda a humanidade e a liberdade aos povos menos favorecidos. Essa imagem de fato foi assimilada, tanto por grande parte da população do próprio país como em boa parte do mundo, durante todo o século XX. Entretanto, desde o final deste século vem sendo questionada em diversas partes do mundo, e também internamente. Muitos filmes criados nos últimos dez anos, com críticas diretas ao *american way of life* podem ser apontados como reflexo disto<sup>53</sup>.

Partindo das seguintes observações de Pablo Villaça (crítico de cinema, anteriormente citado), é possível analisar ainda outros aspectos do filme:

<sup>51</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u372387.shtml>. Consulta em 01/08/2008.

<sup>52</sup> KRUGMAN, Paul. “Os negócios de Bush pai e Bush filho”. In: *Revista Brasília Em Dia*. 05/2008. Ed. 591.

<sup>53</sup> Além de *V de Vingança* e os filmes de Michael Moore já citados, temos alguns exemplos que se destacam em Hollywood: *Beleza Americana* (1999), *Crash – no limite* (2004), *Magnólia* (1999), entre outros.

A escalação de “especialistas” para a construção de falsas verdades que justifiquem as ações do governo é uma tática que recende à guerra contra o Iraque e os “relatórios” sobre armas de destruição em massa; a propaganda massificante da ideologia oficial via TV pode ser compreendida como o papel da Fox News nos Estados Unidos contemporâneos; os “artigos de lealdade” nada mais são do que uma versão do Ato Patriótico; e a tática da polícia secreta de cobrir seus prisioneiros com sacos pretos (outra modificação com relação à *graphic novel*) é uma alusão clara ao escândalo (já esquecido) envolvendo os prisioneiros de Abu Ghraib.<sup>54</sup>

Villaça ainda lembra bem a alusão presente em *V de Vingança* sobre a gripe aviária, mais um exemplo de uma ameaça que causou transtornos incontáveis sem necessariamente causar danos concretos. Foi o medo da gripe, entretanto, que causou inúmeros danos, chegando até mesmo a alcançar a economia brasileira. Tal análise também remete à “doença da vaca louca” com efeitos semelhantes ao da gripe aviária. Naturalmente é possível que justamente as medidas tomadas pelo medo do alastramento de ambas as doenças tenham impedido sua ameaça concreta. Entretanto, não se sabe até que ponto tais ameaças foram concretas ou se o objetivo dos alardes não foi a própria disseminação do sentimento insegurança, como no caso da “guerra contra o terror”. A mesma observação vale para os envelopes com *Antrax* enviados a membros eminentes do governo norte-americano. Hobsbawm alerta para o retorno do “medo generalizado”, com o “regresso das catástrofes humanas maciças, que incluem a expulsão de populações e o genocídio”, além de surtos de doenças:

Assistimos também ao reaparecimento de algo como a peste negra da Idade Média, com a pandemia da aids, ao nervosismo global ante a possível extensão de uma “gripe aviária”, que até aqui não matou mais do que algumas dezenas de seres humanos, e uma espécie de histeria escatológica sobre os efeitos do aquecimento global.

Implantar o medo é uma maneira extremamente eficaz de ganhar apoio popular para as decisões do governo. Com relação a isso, Hobsbawm coloca que “devemos resistir à retórica do medo irracional com a qual governos como os do presidente Bush e do primeiro-ministro Blair buscaram justificar uma política imperial para o mundo”. Para ele, embora como tática a prática do terrorismo seja “moralmente inaceitável”, os perigos decorrentes das atividades das redes terroristas são mínimos e não justificam

<sup>54</sup>[http://www.cinemaemcena.com.br/Ficha\\_filme.aspx?id\\_critica=6384&id\\_filme=2933&aba=critica](http://www.cinemaemcena.com.br/Ficha_filme.aspx?id_critica=6384&id_filme=2933&aba=critica).

Consulta em 21/07/2008. O caso da prisão de Abu Ghraib, no Iraque, ficou conhecido em 2004, após a divulgação de fotos da tortura de iraquianos por soldados norte-americanos. Uma das fotos que ficou mais conhecida trata-se de um prisioneiro em pé sobre um caixote com um saco preto na cabeça, obrigado a ficar imóvel por horas sob ameaça de ser eletrocutado. Os soldados também urinavam nos presos, além de obrigá-los a ficar empilhados nus, uns em cima dos outros.

uma intervenção militar, muito menos ao nível de uma “guerra global”<sup>55</sup>. Mas, implantando o medo na população, esses governos conseguiram legitimar suas práticas políticas.

E é isso o que Adam Sudler pretende quando se dirige a Dascomb:

O que precisamos neste momento é de uma mensagem clara para o povo deste país. Essa mensagem deve ser divulgada em todos os jornais, rádios e TV's. Essa mensagem deverá ressoar em toda interlink! O país deve saber que estamos à beira da destruição. Quero que todos compreendam como estamos perto do caos. Quero que todos se lembrem de por que precisamos de nós!<sup>56</sup>

Imediatamente, a TV divulga notícias de guerra, escassez de água, ataques terroristas, pessoas mortas por bactérias e “descobertas” da associação do terrorista *V* com os atentados de Saint Mary's anos antes, quando o responsável por tais ataques foi o próprio governo (lembramos que à época da invasão ao Iraque foram divulgadas suspeitas de ligações de Saddam Hussein com a Al Qaeda, quando, na verdade, o próprio governo tem um histórico de associação com esse grupo na década de 1980, além de que eram os Bush que, em pleno ano de 2001, mantinham negócios com a família Bin Laden através do grupo Carlyle, sem contar com a associação do governo com o próprio Saddam, poucos anos ante da invasão ao Iraque). Devido às ações de *V* a mídia já não tem tanta credibilidade neste momento e as notícias são vistas com desconfiança pelo público. Também é possível dizer que não foi dada tanta credibilidade a estas denúncias com relação a Saddam Hussein, principalmente após os fiascos da eleição presidencial do ano 2000 e dos “relatórios” sobre armas de destruição em massa. A credibilidade da mídia norte-americana está mais abalada do que nunca.

Porém, mesmo com uma maior conscientização popular a respeito das armações políticas, no mundo contemporâneo, medidas políticas tomadas com base em interesses particulares ou de grupos específicos continuam a afetar milhões de pessoas todo o tempo, mesmo que poucas tenham consciência desse fato (como os milhões de pessoas que morrem por inanição todos os dias ignorando que é necessário apenas 2% do PIB dos países ricos para acabar com a miséria, que persiste apenas por questões políticas). O filme também mostra que as ações do governo afetam diretamente a população, que acredita estar sendo protegida. É o que acontece com o ataque viral em St. Mary's e Tree Waters, que é atribuído a grupos extremistas religiosos.

<sup>55</sup> HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*, p.46.

<sup>56</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 23.

O inspetor Eric Finch, que investiga as ações de *V* desde o 05 de Novembro, vai aos poucos percebendo uma estreita relação entre os acontecimentos de Larkhill, os ataques virais e a vitória da *nórdica chama* nas eleições. Após meses de investigação conclui que *V* havia matado todos os antigos funcionários do centro de readaptação Larkhill, menos um. Este é William Rockwood, que entra em contato com o nosso detetive a fim de fornecê-lhe a história que precisa saber, para dar coesão às informações colhidas na investigação:

Nossa história começa como essas histórias muitas vezes começam, com um político jovem e promissor. Ele é extremamente religioso e membro do partido Conservador, é decidido e não tem consideração nenhuma pelo processo político. Quanto mais poder tem, mais fanático fica e, seus adeptos, mais agressivos. Seu partido lança um projeto em nome da segurança nacional. No início, acredita-se que seja uma busca por armas biológicas. Isto é feito sem se levar em conta os custos. Mas o verdadeiro objetivo do projeto é o poder: dominação completa e total. Contudo, o projeto termina violentamente. Mas o esforço dos envolvidos não é em vão. Uma nova maneira de fazer guerra nasce do sangue de uma vítima. Imagine um vírus, o mais terrível que puder, e então imagine que apenas você tem a cura. Mas se o seu objetivo é o poder, qual o melhor modo de usar essa arma? Bem, é nesse ponto da história que surge uma “aranha”. “Ele” é um homem sem consciência para quem os fins sempre justificam os meios. É ele que sugere que o alvo não devia ser um inimigo do país, mas o próprio país. Três alvos são selecionados para aumentar o efeito do ataque: uma escola, o metrô e uma estação de tratamento. Centenas morrem nas primeiras semanas. Incentivado pela mídia, o medo se espalha rápido, dividindo o país, até que finalmente surge o verdadeiro objetivo. Antes do caso St. Mary’s, ninguém imaginava o resultado das eleições. Ninguém. E então, pouco depois da eleição, vejam só, um milagre. Para alguns, tinha sido obra de Deus. Mas era uma fábrica de remédios controlada por membros do partido. Eles ficaram extremamente ricos. Um ano depois, vários extremistas são julgados, condenados e executados, e um memorial é erguido para canonizar as vítimas. Mas o resultado final, o verdadeiro gênio do plano, foi o medo. O medo tornou-se a ferramenta fundamental do governo. Através dele, nosso político foi nomeado para o cargo recém-criado de alto chanceler. O resto, como dizem, é história.<sup>57</sup>

Apesar de este William Rockwood ser, na verdade, *V* disfarçado, essa história praticamente resume toda a lógica do governo e a mensagem que o filme quer passar. Mas não é só isso. Praticamente cada palavra deste diálogo pode ser avaliada como uma referência direta à “realidade” e, principalmente, como uma referência direta à situação dos Estados Unidos da América. Uma análise detalhada pode mostrar nuances que passariam despercebidos sem uma maior atenção.

De antemão temos “um político jovem e promissor... membro do partido conservador. É decidido e não tem consideração nenhuma pelo processo político”.

<sup>57</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 24.

Temos então, George W. Bush Junior, filho de ex-presidente e republicano, partido da direita conservadora, nos EUA, “o primeiro presidente americano a ter, de fato, herdado o posto”, como coloca Paul Krugman<sup>58</sup>. Sem consideração pelo processo político, Bush derrotou Al Gore (o vice de Clinton) na escandalosa eleição de 2000, de onde surgiram fortes suspeitas de fraude na contagem dos votos, numa eleição que foi ganha no voto popular pelo seu adversário, Al Gore.

“Seu partido lança um projeto em nome da segurança nacional. No início, acredita-se que seja uma busca por armas biológicas. Isto é feito sem se levar em conta os custos”. Lembremos que os atentados de 11 de Setembro ocorreram já no primeiro ano de seu governo e após esta data inúmeros projetos de segurança foram lançados. Mas o que fica mais óbvio nesse diálogo é a referência ao projeto de segurança lançado com relação ao Iraque e aqui a procura não foi por armas biológicas, mas por armas de destruição em massa. E a invasão ao Iraque foi feita sem se levar em consideração os custos, que se tornaram maiores do que as guerras anteriores nas quais os EUA se envolveram, como a guerra do golfo, em 1990, já que estas tiveram o apoio da ONU e, conseqüentemente, apoio financeiro.

“Mas o verdadeiro objetivo do projeto é o poder: dominação completa e total”. Sabe-se que, historicamente, a popularidade dos governantes tende a subir em épocas de guerra, apesar de ter ocorrido o processo inverso após a invasão do Iraque. Aqui, porém, podemos mencionar os atentados ao World Trade Center, em 2001, que fizeram com que o índice de popularidade do governo Bush subisse consideravelmente. O que chama atenção, principalmente, é que o presidente foi reeleito com mais facilidade do que na primeira eleição. “Contudo, o projeto termina violentamente”: grande número de mortos nos atentados ao World Trade Center; grande número de soldados americanos mortos na guerra do Iraque. O que aparentemente seria uma guerra fácil acabou com perdas irreparáveis para o país invasor. “Mas o esforço dos envolvidos não é em vão. Uma nova maneira de fazer guerra nasce do sangue de uma vítima”. Não foi exatamente uma nova maneira de fazer guerra que os norte-americanos encontraram no Iraque, mas certamente uma velha maneira de fazer dinheiro. Com a invasão, os EUA tomaram conta de um dos maiores pontos petrolíferos do mundo, gerando lucros exorbitantes para empresas como a do vice-presidente Dick Cheynes e o próprio grupo Carlyle. Mas a “nova maneira de fazer guerra” também pode aludir à “guerra contra o terror”

---

<sup>58</sup> KRUGMAN, Paul. “Os negócios de Bush pai e Bush filho”. In: *Revista Brasília Em Dia*.

proporcionada pelo surto terrorista que instantaneamente alcançou a grande mídia após o 11 de Setembro. De fato, após os ataques surgiu uma nova maneira de fazer guerra ou, pelo menos, um novo conceito de guerra, um novo tipo, uma guerra contra algo que não se pode tocar nem identificar, um conceito abstrato. O homem do século XXI nasceu acreditando estar em guerra contra o “terror”.

Depois, temos a possibilidade de uma análise um tanto mais polêmica, mas não menos plausível: “Imagine um vírus, o mais terrível que puder, e então imagine que apenas você tem a cura. Mas se o seu objetivo é o poder, qual o melhor modo de usar essa arma? Bem, é nesse ponto da história que surge uma ‘aranha’. ‘Ele’ é um homem sem consciência para quem os fins sempre justificam os meios. É ele que sugere que o alvo não devia ser um inimigo do país, mas o próprio país. Três alvos são selecionados para aumentar o efeito do ataque: uma escola, o metrô e uma estação de tratamento. Centenas morrem nas primeiras semanas”. Uma análise densa desse trecho pode sugerir a hipótese de que os ataques às torres gêmeas foram arquitetados pelo próprio governo norte-americano. Tal hipótese não é absurda, e há muitos que a consideram com seriedade. Michael Moore coloca esta hipótese no documentário *Fahrenheit 9/11*<sup>59</sup>, bem como em seu livro *Cara, cadê meu país?*<sup>60</sup>. É verdade que Moore é conhecido pelo seu sensacionalismo e sua ânsia em destruir a imagem de Bush, mas isso não tira o valor dos argumentos que são apontados para provar esta tese, retirados de fontes legítimas, e que, no mínimo, nos faz pensar sobre tal possibilidade.

E quanto aos irmãos Washowski? Não seria demais acreditar que estariam, em *V de Vingança*, metaforizando essa crença? Temos que considerar, porém, que Andy e Larry Washowski já demonstraram sua atração por “teorias da conspiração” ao produzir o filme *Matrix*, cuja história se baseia na possibilidade de existência desse mundo como uma cópia virtual do mundo “real”. Além disso, se analisarmos a fundo este trecho, ele pode facilmente ser associado a tal crença. A idéia de que o alvo, ao invés do inimigo, deveria ser o próprio país é bastante reveladora. A “aranha”, isto é, o idealizador, o arquiteto da idéia poderia ser Dick Cheney, maior “arquiteto” da invasão ao Iraque, que chegou a ser chamado de “Darth Vader” pela ex-primeira-dama e senadora Hillary Clinton, ou talvez Donald Humsfeld, secretário de Defesa dos EUA, à época dos atentados. E, então, “três alvos são selecionados para aumentar o efeito do ataque”.

<sup>59</sup> *Fahrenheit 9/11* (2004), Michael Moore. EUA.

<sup>60</sup> MOORE, Michael. *Cara, cadê o meu país?* São Paulo: Francis, 2004.

Coincidência ou não é o mesmo número de alvos atingidos em 2001: as duas torres e o pentágono.

“Incentivado pela mídia, o medo se espalha rápido, dividindo o país”. Aqui entra um ponto chave, pois foi exatamente o que aconteceu após os atentados. O povo estadunidense, e em grande medida parte do povo europeu, se tornou medroso como nunca, num surto de insegurança cujos efeitos se prolongam até os dias atuais. O próprio Michael Moore mostra, em *Fahrenheit*, situações que chegam ao extremo da insegurança, como o caso de uma mãe que teve o alimento do seu bebê confiscado antes de viajar, ou o senhor que foi procurado pelo FBI por insinuar, numa conversa banal, que o país estava pagando o preço pela interferência na política externa<sup>61</sup>. Além do caso citado por Bauman do engenheiro naval etíope que teve seu apartamento invadido, em Londres, foi deixado nu, espancado e mantido preso por seis dias sem acusação<sup>62</sup>.

Logo após, o Sr. Rockwood chama atenção para a inversão do quadro eleitoral, com uma vitória nada esperada. Após os atentados de 11 de setembro, o governo Bush obteve um dos mais altos índices de apoio da história, acima de 90 por cento, de acordo com as pesquisas, índice que só caiu após a invasão ao Iraque<sup>63</sup>. E por fim, temos a seguinte afirmação: “mas o resultado final, o verdadeiro gênio do plano, foi o medo. O medo tornou-se a ferramenta fundamental do governo. Através dele, nosso político foi nomeado para o cargo recém-criado de alto chanceler”. Através do medo Bush foi reeleito. Através do medo ele teve legitimidade para investir cotas altíssimas do orçamento com defesa, aumentando os lucros das empresas de segurança, os principais investimentos do grupo Carlyle, cujas empresas em que investe fornecem a maior parte das armas de alta tecnologia vendidas para o governo, na ideia de conter a “ameaça terrorista”.

Podemos somar a isso, o histórico americano de relação com os poderosos do Oriente médio, mais exatamente aqueles cujo território abarca áreas ricas em Petróleo, como o caso do governo da Arábia Saudita, cuja relação com os Bush tem sido consideravelmente estreita ao longo dos anos (fato que Michael Moore enfatiza sempre que possível, ao insinuar a relação deste país com o ataque às torres gêmeas). Outro caso de bastante relevância é a relação dos EUA com o próprio Saddam Hussein, onde as palavras de Bauman podem traduzir bem a contradição:

---

<sup>61</sup> *Fahrenheit 9/11* (2004).

<sup>62</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*, p. 161.

<sup>63</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/George\\_W.\\_Bush](http://pt.wikipedia.org/wiki/George_W._Bush). Consulta em 22/07/2008

Foi por meio dos serviços do enviado especial, até pouco tempo secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, que os Estados Unidos prometeram apoiar a ditadura de Saddam Hussein no Iraque com bilhões de dólares de créditos agrícolas e milhões em tecnologia militar de ponta, assim como com informações obtidas por satélite que poderiam ser usadas para lançar armas químicas contra o Irã – os reis e ditadores do timoneiro de tais regimes são ávidos em utilizar sua boa sorte para se cercarem dos brinquedos extravagantes que a sociedade de consumo ocidental pode oferecer, enquanto reforçam os guardas de fronteira e armam suas políticas secretas para enfrentarem o contrabando de produtos da democracia ocidental. Frotas de carros cheios de engenhocas sim, eleições livres não; sim para o ar-condicionado, não para a igualdade das mulheres; e o mais enfático não para uma distribuição equitativa das súbitas riquezas, para as liberdades pessoais e para os direitos políticos de seus súditos.<sup>64</sup>

Naturalmente, toda esta análise se trata de uma hipótese de leitura. A intenção deste trabalho não é provar ou não a validade de tais acusações ao presidente dos Estados Unidos, mas mostrar que possivelmente o diálogo anterior e, talvez todo o filme *V de Vingança*, tenha sido feito como uma grande referência a essas questões.

Há ainda algumas considerações adicionais a fazer. A primeira é com relação à Warner Bros. Esta é a maior empresa de entretenimento do mundo, e é dona de uma infinidade de outras empresas relacionadas à mídia, entre essas a Fox News, que tem seu papel criticado pelo filme, apesar de isto ser feito de forma velada. Não só isso, pois o filme mostra de maneira nada velada as tramóias que envolvem a mídia e, sendo uma das maiores empresas mediáticas do mundo, senão a maior, é de se estranhar que a Warner Bros não tenha imposto nenhum tipo de censura, como insinua no *Making of* do filme o diretor James Mc Teigue. No entanto, há de se considerar também que o impacto social de filmes como *V de Vingança* é mínimo, exceto para quem o analisa com o objetivo de entender suas mensagens mais profundas. Provavelmente para a Warner a censura não compensaria o retorno financeiro proporcionado por um thriller de sucesso. Além disso, é impossível saber se houve ou não algum tipo de censura pela Warner e, por mais que se acredite que houve, é difícil apontar o que ela modificou no filme.

Outro aspecto importante do filme está na fala onde *V* diz ser um resultado do que lhe fizeram: “um princípio básico do universo é que toda ação gera uma reação”. “O que me fizeram foi monstruoso”, diz, “e criaram um monstro”, completa Evey<sup>65</sup>. A fala apenas demonstra a intenção dos escritores explícita desde o início do filme: mostrar o

<sup>64</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*, p. 157.

<sup>65</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 22.

terrorismo como uma consequência. O surgimento do terrorismo é um fenômeno relativamente novo e recende à política implantada pelos países ricos (principalmente EUA e URSS após a década de 1950). O mesmo pode se dizer da violência e da crescente taxa de migração de pessoas de países pobres para ricos, o que tem provocado tensões políticas e sociais em diversos países. Vide, por exemplo, os espetáculos de xenofobia que envolveram França e Espanha recentemente e os que já envolvem, há muito tempo, os Estados Unidos da América. O filme *Crash – No Limite*<sup>66</sup> é um bom exemplo da dimensão deste problema (perdoadas, claro, as limitações do cinema em dar profundidade a assuntos polêmicos).

Já a violência é um caso à parte no mundo contemporâneo. Casos como o de Columbine, nos EUA, onde dois adolescentes massacraram seus colegas sem motivo aparente<sup>67</sup>, o de Suzane Von Richthofen, no Brasil, que matou os próprios pais por dinheiro e o da menina Isabella Nardoni, de cinco anos, mais recente, que foi jogada pela janela do sexto andar de um prédio em São Paulo, são apenas alguns casos entre inúmeros outros que têm causado choque e indignação mundiais. Além disso, existe a violência diária, resultante de assaltos a mão armada, seqüestros, tiroteios, balas perdidas, brigas, estupros, violência doméstica, entre torcedores e em eventos públicos. Muito disso, mas não necessariamente tudo, pode ser considerado resultado do processo de globalização, daquilo que Sevcenko chamou de “um jogo desigual, cuja dinâmica só tende a multiplicar desemprego, destituição, desigualdade e injustiça”, uma prática cuja tradução “é o aumento da marginalidade, da violência, o declínio do espaço público e da convivência democrática”<sup>68</sup>. De fato, o tráfico e o contrabando, as guerras e guerrilhas, o terror e o terrorismo, a violência e a criminalidade são nada menos que resultados de um mundo produzido para uma minoria.

E ainda podemos citar outros tipos de violência possibilitados por esse processo. Temos, por exemplo, a violência sonora, proporcionada pelo grande barulho das cidades, seja ele devido a automóveis ou músicas a alturas insuportáveis (literalmente, já que existe um limite de barulho – nunca respeitado – para o ouvido humano suportar), além do constante burburinho a que estamos acostumados, que causa algo como um pavor ao silêncio em muitas pessoas, que precisam estar sempre escutando

<sup>66</sup> *Crash – No Limite* (2004).

<sup>67</sup> O documentário *Tiros em Columbine* (2002) retrata este episódio, além de discutir o problema da violência crescente nos EUA, a indústria armamentista, a mídia como propagadora do medo, entre outros.

<sup>68</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p. 32.

algo – alguns provavelmente vão considerar o MP3 e o MP4 as maiores invenções modernas, junto do celular, claro, que lhes permite sempre escutar uma voz amiga a qualquer hora que quiser (contanto que tenha aproveitado as “super-promoções” e os “super-planos” por tempo limitado). Temos ainda a violência visual, quer provenha dos *outdoors* com apelos publicitários, das ruas sujas ou das cenas de violência e sexo em horário nobre, entre outros. E a poluição como um todo, claro, não deixa de ser uma violência contra o planeta e, portanto, uma violência que praticamos contra nós mesmos.

Com tanta violência em nossa volta não chega a ser surpreendente o surto de grupos terroristas, imigrantes ilegais, traficantes, assassinos, ladrões, usuários de drogas e muitos outros, que se tem presenciado como fenômeno mundial nas últimas décadas. Independentemente da legitimidade ou não desses grupos para proceder de tal forma é preciso pensá-los, antes de tudo, como pessoas em busca de perspectivas melhores de vida, até porque muitas pessoas tiveram seu modo de vida completamente modificado, sem consentimento, por essa “nova ordem mundial” impiedosa e, tornaram-se, querendo ou não, um produto dela. Essa “nova ordem”, aliás, atingiu a todos, sem discriminação de raça ou posição social. Mas atingiu de forma diferente cada um. Uns poucos se tornaram mais ricos, mais poderosos, mais privilegiados. Muitos, entretanto, tiveram que pagar o preço pelo privilegio destes. Mas, aparentemente, nenhum desses grupos, escapou ao medo.

Com a queda da união soviética e com base na onda política e ideológica na qual o mundo vinha mergulhando com a crise do capitalismo na década de 1970, Ronald Reagan e Margaret Thatcher proclamavam a falência do Estado e a vitória do capitalismo sobre o comunismo. Baseada na máxima “a ganância é um bem”, Thatcher saiu como madrinha do novo modelo que consolidava “a agenda conservadora, retraindo a ação do Estado em favor das grandes corporações e do livre fluxo de capitais, abalando os sindicatos, disseminando o desemprego, rebaixando a massa salarial e concentrando a renda”, abrindo espaço para “a grande epidemia mundial de privatizações, das reengenharias, das flexibilizações e das megafusões entre grandes empresas”<sup>69</sup>.

A nova política, porém, não desmoronou juntamente com a saída dos conservadores do poder. “O veneno da maçã proibida já havia se infiltrado nas veias dos

---

<sup>69</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p. 39-40.

novos líderes” e “essa situação congelou o debate político em função de um consenso conformista, denominado por seus críticos ‘o pensamento único’”. Se antes o pressuposto do Estado era a diminuição dos níveis de desigualdade social, com o advento do neoliberalismo:

...passou a prevalecer, ao contrário, a idéia de que os Estados abandonassem a cena, abrindo suas fronteiras ao livre jogo das forças de mercado e das finanças internacionais, desregulassem quaisquer mecanismos de proteção à economia nacional ou às garantias dos trabalhadores e submergissem junto com toda a sociedade sob uma liberalização geral, em benefício da atuação mais desinibida das grandes corporações.<sup>70</sup>

Os custos da globalização são enormes e, atualmente, tem atingido o grosso da população mundial, muito embora seus efeitos mais brutais sejam percebidos sobretudo nos países mais pobres. Sevcenko coloca alguns dados que traduzem em parte o nível de desigualdade contraído nos últimos anos:

O Relatório de Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas, na sua edição de 2000, revela que a disparidade de renda entre os países mais ricos e os mais pobres, que era da ordem de 3 para 1 em 1820, atingiu 44 para 1 em 1973, chegou a 72 para 1 em 1992 e está atualmente ao redor de 80 para 1. Entre 1990 e 1998 a renda per capita caiu nos cinquenta países mais pobres e aumentou nos 28 mais ricos. Cerca de 1,2 bilhão de pessoas, o que equivale a um quinto da população mundial vivem em nível de miséria absoluta. Cerca de duzentas crianças morrem por hora nos países de Terceiro Mundo, em consequência da desnutrição e de doenças banais, para as quais a cura seria simples, desde que houvesse recursos de atendimento (...).

...os duzentos maiores multimilionários do planeta acumularam juntos uma fortuna de 1,113 trilhão de dólares em 2000 (...). Considerando, por outro lado, toda a população somada dos países do Terceiro Mundo, seu total de renda chega apenas a 146 bilhões, o que representa menos de 10 por cento do montante controlado pelos duzentos mais ricos.<sup>71</sup>

E um fato relevante é que a miséria tem atingido até os países ditos desenvolvidos, onde mesmo com um crescimento econômico nunca antes registrado houve um grande aumento no número de desemprego. Isto também fez com que houvesse um declínio na aceitação da legitimidade do Estado. Segundo Hobsbawm, estamos testemunhando uma desintegração de vários Estados-membros das Nações Unidas e até mesmo setores como as forças armadas já estão fugindo ao controle destes. Para ele, a globalização da economia mundial faz com que as “empresas privadas transnacionais” se empenhem em “viver fora do alcance das leis e dos impostos do

<sup>70</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*, p. 40-42.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 43.

Estado, o que limita fortemente a capacidade dos governos, mesmo os mais poderosos, de controlar as economias nacionais”. Isso faz com que os Estados abandonem suas atividades tradicionais “em favor de empresas privadas com fins lucrativos”<sup>72</sup>.

Um fenômeno resultante disso pode ser visto em filmes recentes como *O Senhor das Armas*<sup>73</sup> e *Diamante de Sangue*<sup>74</sup>, que acabam por demonstrar a falta de controle do Estado e a livre atuação de grupos com interesses financeiros, mesmo que as fontes para tal sejam o forte contrabando em países africanos politicamente desestruturados, como Serra Leoa. O governo perdeu o controle sobre estas situações e a busca desenfreada por lucros por “contrabandistas” levou a guerras civis nestes países com incontáveis cenas de genocídio. No caso de Serra Leoa, o contrabando de diamantes foi a principal causa das disputas políticas pelo poder, não obstante a proibição do comércio de diamantes do país com o exterior. Essas sucessivas guerras civis abriram ainda oportunidade para um outro tipo de comércio extremamente lucrativo: a venda (contrabando) de armas de fogo de todos os tipos para grupos políticos, em sua maioria vinda dos EUA, maior produtor de armas do mundo. Genocídios são uma constante em países africanos, onde o contrabando de armas é praticamente “legal”. Além disso, com o enorme suprimento de armas leves e potentes espalhadas pelo mundo devido à Guerra Fria, tornou-se muito fácil para qualquer grupo adquiri-las. O resultado foi o incontável número de massacres e “limpeza étnica” após o período, como o caso de Ruanda, em 1994, com 800 mil mortos, além de muitos outros<sup>75</sup>.

---

<sup>72</sup> HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*, p. 41.

<sup>73</sup> *O Senhor das Armas* (2005), Andrew Niccol, EUA.

<sup>74</sup> *Diamante de Sangue* (2006), Edward Zwick, EUA.

<sup>75</sup> HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*, p. 87-88.

## V

**V:** Meu filme favorito. *O Conde de Monte Cristo*. Robert Donat é Edmond Dantes. Sempre me emociono.

**Evey:** Nunca assisti.

**V:** Verdade? Gostaria?

**Evey:** Tem um final feliz?

**V:** Como só o cinema pode oferecer.<sup>76</sup>

E, no final, um show pirotécnico. Uma grande festa compartilhada pelos cidadãos londrinos e a platéia no cinema, para comemorar o final feliz. E que bom! Estamos aliviados. O perigo se foi e podemos voltar para casa, tranquilos, certos de que mais cedo ou mais tarde algum herói virá acabar com os nossos maiores temores e os vilões terão aquilo que merecem. Tudo fica para trás: o medo, a opressão, o terror, o mal.

Mas o *happy end* de *V de Vingança* acaba por aproxima-lo da categoria tradicional de filmes norte-americanos, que trazem a sensação de que tudo está bem. Isto acaba por diminuir a qualidade revolucionária do filme e sua proposta aparente de “filme para fazer pensar”. A conclusão é que ainda se trata de um filme conformista, com um final conformista, apesar das críticas político-sociais que apresenta. Além disso, a proposta revolucionária de *V*, desde o início, sequer conta com a participação do povo (a não ser como massa indistinguível travestida de um ideal, isto é, novamente alienada por uma idéia). As pessoas são sempre mostradas como espectadoras dos acontecimentos, incapazes de tomar atitudes ousadas individualmente. Se antes estavam submetidas à ideologia da nórdica chama, depois se tornaram submissas da mesma forma, mas dessa vez às idéias de *V*.

O filme trai a sua própria idéia e cai na mesma perspectiva alienadora que critica. E ainda pode se tornar um tanto perigoso, caso alguém ache estar comprando uma idéia revolucionária, em um filme que acaba por criar uma ilusão de revolução social e de liberdade. Porém, a impressão que se tem quando se termina de assistir o filme é a de que tudo está bem, e não é preciso fazer nada para mudar a realidade. Esta impressão estará ainda mais próxima caso o telespectador perceba o filme literalmente,

<sup>76</sup> *V de Vingança* (2006), cap. 09.

isto é, como uma crítica ao totalitarismo ao invés de percebê-lo como uma metáfora da vida moderna. Aliás, tampouco posso afirmar a veracidade desta interpretação, pois nada garante que a intenção dos criadores não tenha sido passar a idéia de que está tudo bem, afinal vivemos numa “democracia”. Não é a toa que muitos fãs da *graphic novel* desprezam a adaptação do quadrinho para o cinema e que o próprio Alan Moore tenha feito questão de que seu nome fosse excluído dos créditos do filme (este aparece como uma adaptação da história de David Lloyd).

É provável que poucos dos que assistam entendam o filme como uma crítica à nossa sociedade, ao governo americano ou à “nova ordem global”. Aliás, não obstante minha análise relativa à *graphic novel*, é fácil perceber o filme como justificção do neoliberalismo, muito mais facilmente percebido como o extremo oposto do totalitarismo, do que análogo a este. Mesmo que a idéia dos quadrinhos tenha sido concebida a partir da tentativa de crítica a este modelo econômico, isto não fica claro no filme. Ao longo do trabalho acima, tentei levantar questões pertinentes para a não censura de um filme aparentemente revolucionário, mas fico tentado a afirmar que, caso o filme tenha sido feito tal como se apresenta, essa censura em nada seria necessária. No fim das contas, *V de Vingança* aparece mais como portador de uma bonita idéia de revolução controlada do que como um verdadeiro agente revolucionário que modifica visão de mundo do telespectador.

Além disso, o próprio formato do filme é tão convencional quanto qualquer outro filme norte-americano. Como já chamei atenção, as analogias do filme têm pouco impacto a primeira vista e, em muitos casos podem passar despercebidas, de modo que é possível que a maioria das pessoas acabem saindo da frente da TV sem captar sua mensagem, pelo menos não nos aspectos denunciativos dos jogos de poder a que estamos sujeitos. Talvez o filme traduza, nos termos da política partidária norte-americana, mais a posição de um eleitor democrata que tenta atingir o partido republicano, do que uma idéia revolucionária. A crítica aos conservadores, aliás, parece ser a mais óbvia do filme (e Lewis Prothero é a figura chave para tal). Mas, para muitos, é só mais um filme de super-herói.

Ainda podemos acrescentar um detalhe importante no filme: a questão da legitimação ou não do uso do terrorismo na busca de um ideal. Mesmo com todos os aspectos analisados quanto a este fato, dar vazão a esta idéia em um mundo tão violento como o atual pode ser considerado, no mínimo, perigoso. Não devemos esquecer que o nosso “herói” usa de violência em diversos momentos, inclusive contra pessoas que não

estão diretamente envolvidas em sua vingança, e isto pode acabar sendo levado como a defesa da idéia de que a violência é justificável em nome de um ideal (mas quem pode decidir quando um ideal é suficientemente justo para que tais artificios sejam usados? Não esqueçamos que o holocausto foi possível em muito porque havia um sentimento entre os executores de que aquilo era moralmente correto).

Acredito que um filme trabalha mais na mudança do indivíduo quando atinge aspectos mentais e sentimentais, quando toca a sensibilidade de quem assiste, mudando seu interior, muito mais do que quando toca pelo ideal que quer passar. Neste aspecto, os contos de fadas e os filmes “infantis” podem ser considerados mais efetivos na formação das mentalidades coletivas do que filmes pretensamente revolucionários, como *V de Vingança* ou *Matrix*. Não é a toa que as crianças sejam o público alvo de filmes assim, já que, com a mentalidade mais flexível, são mais facilmente influenciadas. A psicologia, percebendo este potencial, realiza profundos estudos na tentativa de entender as mensagens passadas pelos “contos de fadas”.

Mas, como revela o próprio *V*, “não existem certezas, só oportunidades”, e talvez de alguma forma o filme deixe sua mensagem no telespectador. Não fosse assim, ele não teria incitado este autor a fazer esta pesquisa. Não são só aspectos negativos. Mesmo filmes “conformistas” deixam alguma mensagem, mesmo que no subconsciente das pessoas. Afinal, pode-se dizer que *V de Vingança* está em um nível intermediário entre filmes “pop” e filmes “alternativos” e, como já disse antes, o fato de ele ter esse formato acaba por atrair públicos diversos e, portanto, a mensagem dos autores tem maior alcance, mesmo que seu impacto seja menor.

\* \* \*

O filme, como todos os problemas histórico-historiográficos, está em aberto. Permite leituras: essa que foi praticada aqui e outras, que virão. E que venham sem medo.

## Filmografia

*V de Vingança* (2006), James Mc Teigue, EUA/Alemanha.

*Crash – No Limite* (2004), Paul Haggis, EUA.

*A Outra História Americana* (1998), Tony Kaye, EUA.

*Tiros em Columbine* (2002), Michael Moore, EUA.

*Fahrenheit 9/11* (2004), Michael Moore, EUA.

*Beleza Americana* (1999), Sam Mendes, EUA.

*Magnólia* (1999), Paul Thomas Anderson, EUA.

*O Senhor das Armas* (2005), Andrew Niccol, EUA.

*Diamante de Sangue* (2006), Edward Zwick, EUA.

## Bibliografia

MOORE, Alan e LOYD, David. *V de Vingança - Edição especial*. São Paulo: Panini Comics. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CHARTIER, Roger. *História Cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHAUVEAU, Agnes e TÉTARD, Philippe (org). *Questões para História do Presente*. São Paulo: EDUSC, 1998.

DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

FEBVRE, Lucien. *O Problema da Descrença no Século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Editorial Início, 1987.

FERRO, M. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

- HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNT, Lee. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KRUGMAN, Paul. “Os negócios de Bush pai e Bush filho”. In: *Revista Brasília Em Dia*, 05/2008. Ed. 591.
- LAGROU, Peter. “Sobre a Atualidade da História do Tempo Presente”. In: PÔRTO JR, Gilson (org). *História do Tempo Presente*. São Paulo: EDUSC, 2007, p. 31-45.
- MARTIM, Marcel. *A Linguagem Cinematográfica*. Ed. Brasiliense, 1990
- MOORE, Michael. *Cara, cadê o meu país?* São Paulo: Francis, 2004.
- MULLER, Helena Isabel. “História do Tempo Presente: Algumas Reflexões”. In: PÔRTO JR, Gilson (org). *História do Tempo Presente*. São Paulo: EDUSC, 2007, p. 17-29.
- NAPOLITANO, Marcos. “Fontes Audiovisuais: A História depois do Papel”. In: PINSKY, Carla (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 235-289.
- NOVA, Cristiane. *O cinema e o conhecimento da história*. In: O Olho da História: Revista de História Contemporânea, Salvador, v. 2, nº. 3, 1996.
- OLIVEIRA, Salete e PASSETTI, Edson. *Terrorismos*. São Paulo: PUC, 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No Loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- XAVIER, Ismail. *O Discurso Cinematográfico*. Paz e Terra, 1984.
- VAINFAS, Ronaldo. “História das Mentalidades e História Cultural”. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: ed. Campus, 1997.